

SERVO DE DEUS E DA HUMANIDADE

A biografia de Bento XVI

ELIO GUERRIERO

SERVO DE DEUS E DA HUMANIDADE

A biografia de Bento XVI

Prefácio de Papa Francisco
Com uma entrevista inédita de Bento XVI

Tradução
Thácio Siqueira

Apresentação e revisão
Rudy Albino de Assunção

 QUADRANTE

São Paulo
2021

Título original
Servitore di Dio e dell'umanità

Copyright © 2016 Mondadori Libri S.p.A., Milano

Capa
Douglas Catisti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guerriero, Elio

Servo de Deus e da humanidade: a biografia de Bento XVI / Elio Guerriero; tradução de Thácio Siqueira – São Paulo : Quadrante, 2021.

Título original: *Servitore di Dio e dell'umanità*

ISBN: 978-65-86964-51-6

1. Biografia 2. Bento XVI, Papa, 1927 - Autobiografia I. Siqueira, Thácio. II. Título.

20-53044

CDD 262.13092

Índice para catálogo sistemático:

1. Bento XVI, Papa : Biografia e obra 262.13092

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados a
QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br / atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Prefácio	19
Apresentação à edição brasileira	23
Introdução	29
I. Na Alemanha do Terceiro Reich.....	35
A família Ratzinger.....	35
A amada Baviera.....	39
A Igreja como lugar vital.....	41
Os primeiros anos de Joseph.....	45
A ascensão do nazismo.....	49
A estratégia do gendarme.....	53
No seminário.....	59
Rumo ao conflito mundial.....	66
Joseph vai para a guerra	69
II. O caminho rumo ao sacerdócio	79
O retorno à vida	79
Freising, a cidade sobre a colina	81
A formação filosófica	88
Os anos de Munique	92
Novos horizontes do espírito	99

Uma corrida sem descanso.....	104
A ordenação sacerdotal	106
No cuidado das almas.....	109
O regresso a Freising.....	114
«Povo e casa de Deus em Santo Agostinho»	120
III. O adolescente da teologia.....	127
Rumo à carreira acadêmica	127
Boaventura, Joaquim de Fiore e a teologia da história.....	131
O drama da habilitação	140
Professor da Academia Filosófico-Teológica de Freising.....	144
O mal no mundo: Reinhold Schneider e Hermann Hesse	145
A fraternidade cristã	150
Professor em Bonn	153
O Deus da fé e o Deus dos filósofos.....	157
O desafio de um Deus pessoal	161
O adeus a Joseph pai	164
Os professores amigos.....	165
Os primeiros alunos.....	169
IV. Em Roma para o Concílio	173
O encontro com o Cardeal Frings.....	173
A finalidade do concílio.....	180
A chegada a Roma	184
A primeira sessão	187
A transferência para Münster e a segunda sessão	193
<i>A orientação cristocêntrica de Paulo VI</i>	195
<i>A constituição sobre a Igreja</i>	196
A terceira sessão	204
<i>O princípio colegial e a natureza sacramental da ordenação episcopal</i>	204
A sessão conclusiva	208
<i>A liberdade religiosa</i>	210
<i>A Igreja no mundo contemporâneo</i>	211
A solene conclusão do concílio	215

SUMÁRIO

V. O mundo vira as costas para Deus.....	221
Professor em Münster	221
É possível eliminar o escândalo cristão?.....	224
O concílio posto à prova pelos fiéis. Conferência no <i>Katholikentag</i> de Bamberg.....	228
<i>O campo litúrgico</i>	230
<i>O novo relacionamento entre a Igreja e o mundo</i>	231
<i>O ecumenismo</i>	233
Tübingen.....	235
«Introdução ao cristianismo»: <i>best-seller</i> no mundo todo	237
<i>João Felizardo</i>	239
<i>O cristão, um naufrago preso à cruz</i>	241
<i>A revelação de Deus</i>	243
<i>O amor que move o sol e as outras estrelas</i>	244
<i>O Espírito e a Igreja</i>	247
O retorno à Baviera	248
Regensburg, a cidade do Danúbio	251
O professor e seus alunos.....	254
VI. A alegria pelo encontro renovado com a teologia	261
De volta à casa.....	261
A Comissão Teológica Internacional	262
<i>Communio</i> : um programa para a teologia e a vida da Igreja.....	265
Judeus e cristãos: duas religiões, uma única Aliança	271
A vida eterna. Não se pode renunciar à alma.....	277
A escatologia.....	280
<i>O trabalho mais elaborado e rigoroso</i>	280
<i>A passagem da espera pelo fim à cristologia</i>	282
<i>A esperança além da morte</i>	285
<i>Imortalidade da alma e ressurreição dos mortos</i>	289
<i>A solução de Ratzinger</i>	290
<i>Ressurreição da alma</i>	292
<i>Ressurreição final e a volta de Cristo</i>	293
<i>Inferno, purgatório, céu</i>	295
<i>A escatologia no centro da vida do cristão e da Igreja</i>	297

VII. Arcebispo de Munique.....	301
Uma notícia comove a Alemanha	301
Uma nomeação surpreendente.....	302
Cardeal aos 50 anos.....	306
O cuidado pastoral	309
<i>A reforma litúrgica</i>	309
<i>A pregação</i>	312
<i>Temas da pregação em Munique</i>	315
<i>A administração dos sacramentos</i>	319
<i>O bispo e seus sacerdotes</i>	320
<i>A devoção popular</i>	322
<i>O ecumenismo</i>	325
O ano dos três papas.....	328
As dificuldades com os teólogos.....	333
A viagem para a Polônia e o sínodo sobre a família	337
A visita de João Paulo II a Munique.....	340
«Não me foi fácil decidir. O papa me quer em Roma»	341
VIII. Primeiros anos em Roma	343
A serviço da Igreja universal.....	343
<i>A chegada a Roma</i>	345
<i>O Santo Ofício</i>	348
<i>Ouvindo os bispos e o confronto com os teólogos</i>	350
<i>Colaborador de João Paulo II</i>	352
O ecumenismo	353
<i>Problemas e esperanças</i>	353
<i>Os anglicanos e a questão da autoridade</i>	356
<i>A unidade através da diversidade. O diálogo católico- -evangélico.</i>	358
A unidade da Igreja	361
<i>O Código de Direito Canônico e a condenação da Maçonaria</i>	363
<i>O sínodo dos bispos</i>	364
<i>Um relatório severo sobre a situação da Igreja</i>	366
<i>Vinte anos do Vaticano II</i>	368
O cisma dos lefebvrianos	372

SUMÁRIO

IX. Inquisidor ou defensor dos simples?.....	379
A teologia da libertação	381
<i>João Paulo II e a América Latina</i>	381
<i>Uma instrução muito contestada</i>	383
<i>O caso Boff</i>	385
<i>«Ele está se imolando pela Igreja»</i>	386
<i>A instrução Liberdade cristã e libertação</i>	387
Teologia e governo da Igreja	390
<i>A Igreja e a teologia científica</i>	390
<i>Bispos, teólogos e moral</i>	392
<i>Charles Curran e Edward Schillebeeckx</i>	394
<i>A coragem da impopularidade</i>	397
<i>Em defesa da vida</i>	400
<i>A revolta dos teólogos</i>	402
<i>A verdade é um dom. A resposta da congregação</i>	404
O diálogo com a teologia.....	406
<i>A teologia orante de von Balthasar</i>	406
<i>Curar os olhos do coração. O retrato do teólogo fiel</i>	408
<i>A amizade com o movimento Comunhão e Libertação</i>	410
<i>A racionalidade do cristianismo e a renovação da Igreja</i>	413
<i>O escultor e o fiel</i>	419
X. «Reviravolta para a Europa?»	423
A Europa das transformações.....	423
<i>O olhar para a história</i>	426
<i>A derrota do marxismo</i>	428
<i>O papel da Europa no mundo</i>	428
<i>Um novo papel para a religião?</i>	430
<i>Consciência e verdade</i>	431
Um catecismo entre protesto e plebiscito	434
<i>Não se deve fazer esse Catecismo</i>	436
<i>A serviço da comunhão eclesial</i>	438
<i>Um sucesso inesperado</i>	441
Entre o privado e o público	445
<i>Uma perda dolorosa</i>	445
<i>A Academia Francesa</i>	446

A cruz é a Alemanha.....	448
<i>Os divorciados recasados</i>	448
<i>Ordenação de mulheres</i>	451
<i>Os consultores: novo confronto com Lehmann</i>	452
Um novo informe sobre a fé	455
<i>O amor pela verdade</i>	456
<i>A crise da Igreja</i>	457
<i>Um programa para a Igreja do terceiro milênio</i>	459
A relação entre judeus e cristãos.....	461
<i>Um rabino fala com Jesus</i>	463
XI. <i>Anno Domini 2000</i>	467
Os setenta anos do cardeal.....	467
A vida do Evangelho no mundo: os movimentos	470
A liturgia	474
<i>Caráter cósmico e histórico da liturgia</i>	476
<i>Jesus, o Cordeiro dado por Deus</i>	477
<i>Os cristãos precisam das igrejas</i>	477
<i>Os fiéis voltados para o padre?</i>	478
<i>Arte e liturgia</i>	479
<i>Música e liturgia</i>	480
<i>A participação ativa e o latim</i>	481
O Jubileu do 2000.....	483
<i>Pedidos de perdão</i>	483
<i>O segredo de Fátima</i>	485
<i>Contra o relativismo</i>	488
<i>Unicidade de Jesus e da Igreja</i>	489
O cristianismo e as religiões do mundo.....	492
<i>O caso Dupuis</i>	495
XII. <i>Esta vida é muito dura</i>	499
As raízes cristãs da Europa	499
<i>A Europa, as suas origens, os seus valores</i>	500
<i>Mas por que o Ocidente se odeia?</i>	503
<i>As bases morais e pré-políticas do Estado</i>	504

SUMÁRIO

<i>Razão e fé. Uma colaboração polifônica</i>	506
<i>Não há paz no mundo sem paz entre razão e fé</i>	508
A caminho de Jesus Cristo	510
Aproximação ao monaquismo.....	514
<i>A liturgia e a harmonia na vida dos monges e dos cristãos</i>	514
<i>O humanismo monástico</i>	515
<i>A democracia monástica</i>	516
<i>A urgência de trazer Cristo de volta ao centro da vida cristã...</i>	517
Os padres pedófilos.....	518
Decano do Colégio do Cardeais.....	521
Unidos pela geografia, pelo amor a Cristo, pela amizade: Karol Wojtyła e Joseph Ratzinger.....	523
Saudade da Alemanha.....	526
<i>A morte de João Paulo II</i>	528
Um decano muito eficiente.....	530
O funeral de João Paulo II.....	532
XIII. O urso de São Corbiniano permanece em Roma.....	535
O conclave	535
<i>Orei intensamente para ser poupado dessa prova</i>	538
O meu programa é fazer a vontade de Deus.....	539
<i>Promessas eleitorais?</i>	539
A purificação da linguagem papal	541
<i>A vontade de Deus como programa</i> <i>do pontificado</i>	542
<i>O nome Bento confirma o programa</i>	544
Começando pela Europa.....	546
<i>Reações conflitantes</i>	546
<i>Na esteira do antecessor</i>	547
<i>Atenção para a Itália</i>	548
<i>As férias no Vale de Aosta</i>	551
A Jornada Mundial da Juventude em Colônia.....	552
<i>Deixem-se surpreender por Cristo</i>	554
<i>A revolução de Deus e dos santos</i>	555
<i>Diálogo ecumênico e inter-religioso</i>	556
<i>O ecumenismo do Espírito</i>	556

<i>O encontro com os judeus</i>	558
<i>O encontro com os representantes de algumas comunidades muçulmanas</i>	558
Um começo promissor.....	560
<i>Primeiro encontro com os lefebvrianos</i>	560
<i>O sínodo sobre a Eucaristia</i>	562
<i>Quarenta anos da conclusão do Vaticano II</i>	564
<i>A viagem para a Polônia</i>	565
<i>A viagem à Espanha</i>	567
XIV. As dificuldades do governo	569
A Secretaria de Estado	570
O discurso de Regensburg	573
<i>Um passo em falso ou uma intuição corajosa?</i>	575
<i>Explicações e consequências</i>	577
<i>Viagem à Turquia</i>	578
<i>Não façamos das nossas diferenças um motivo de ódio</i>	580
As nomeações dos bispos	582
<i>A fracassada nomeação de Wielgus em Varsóvia</i>	583
<i>A revolta do clero de Linz</i>	585
Marcial Maciel e os Legionários de Cristo.....	587
Ainda os padres pedófilos	590
Os movimentos	590
A Missa em latim.....	592
<i>Uma dura oposição</i>	593
Na origem do decreto	595
XV. O último papa do Vaticano II.....	599
A primeira encíclica sobre o amor	600
<i>O sentido de uma inversão</i>	600
<i>O amor que vem de Deus</i>	602
<i>A caridade da Igreja</i>	604
A vocação à santidade	606
<i>As beatificações na diocese</i>	607

SUMÁRIO

Devoção à Virgem e aos santos	610
<i>Peregrino nos santuários marianos</i>	611
<i>Peregrino aos túmulos dos santos</i>	613
Papa e teólogo da santidade	614
<i>Catequese sobre os santos</i>	615
<i>Os apóstolos</i>	615
<i>Os Padres da Igreja</i>	617
<i>Padres e escritores do primeiro milênio e da</i> <i>Idade Média</i>	618
<i>Os mestres franciscanos e dominicanos</i>	619
<i>Aplicações à biografia do Papa Bento</i>	620
O ano paulino	621
<i>A esperança cristã</i>	623
XVI. Um novo humanismo para o terceiro milênio	629
<i>A Europa</i>	630
<i>A Itália</i>	631
<i>A França</i>	638
<i>A República Tcheca</i>	641
<i>A Espanha</i>	643
América Latina	646
<i>Quinta conferência dos bispos da América Latina</i>	647
Católicos na China	648
Os Estados Unidos	652
Jornada Mundial da Juventude em Sydney	657
O humanismo do século XXI	658
<i>Ecologia</i>	659
<i>Arte</i>	664
O Átrio dos Gentios	667
XVII. A Igreja na tempestade	669
De novo os lefebvrianos	670
Onde está o secretário de Estado?	674
África: a viagem obscurecida	676
Ano Sacerdotal	679

Escândalo dos padres pedófilos	683
<i>Dimensões e causas do fenômeno</i>	684
<i>O caso da Irlanda</i>	685
<i>Os escândalos na Alemanha</i>	688
<i>New York Times contra o papa</i>	689
<i>Os Legionários de Cristo</i>	691
<i>O papa se encontra com as vítimas dos abusos</i>	692
<i>A estrada é longa</i>	694
Os anglicanos que passaram ao catolicismo e a viagem à Inglaterra	695
O Pontifício Conselho para a Nova Evangelização	700
XVIII. Tenho de renunciar	703
O Bem-aventurado João Paulo II.....	704
Não se pode renunciar a Deus: nova visita à Alemanha.....	706
<i>Onde há Deus, há futuro</i>	706
<i>No convento de Lutero</i>	707
<i>Coragem e unidade no caminho da fé</i>	708
A porta da fé.....	710
<i>A peregrinação a Assis</i>	711
«Vatileaks»	712
<i>A escrivãzinha do papa</i>	713
<i>O único alvo é o Cardeal Bertone?</i>	715
As últimas viagens	719
<i>México e Cuba</i>	719
<i>O papa em Milão</i>	722
O livro sobre Jesus.....	724
<i>A infância de Jesus</i>	725
<i>Unicidade de figura e mensagem</i>	727
<i>Do Batismo no Jordão à Transfiguração</i>	728
<i>Da entrada em Jerusalém à Ressurreição</i>	730
Devo renunciar.....	733
<i>Viagem ao Líbano</i>	733
<i>Os cinquenta anos do Vaticano II</i>	735
<i>Refleti, rezei, devo renunciar</i>	737

SUMÁRIO

O anúncio	738
<i>O Concílio, a Igreja e Jesus Cristo</i>	740
XIX. <i>Mater Ecclesiae</i>	743
<i>No recinto de São Pedro</i>	743
<i>Em comunhão com a Igreja</i>	745
<i>Em nome de São Bento, Santo Agostinho e São Bernardo</i>	746
<i>Castel Gandolfo</i>	748
<i>A vida no Mater Ecclesiae</i>	749
Bento e Francisco	750
<i>O ano da misericórdia</i>	751
O legado do Papa Bento	754
<i>In capite et in membris</i>	756
<i>Sã laicidade e laicismo</i>	758
<i>O pequeno rebanho</i>	758
Apêndice - Renúncias e relações com o sucessor - Entrevista com o Papa Bento XVI.....	761
Notas	767
Bibliografia.....	823

A von Balthasar, de Lubac e Ratzinger, meus mestres

Prefácio

Papa Francisco

Esta extensa biografia de meu predecessor Bento XVI é bem-vinda: oferece um relato abrangente, fidedigno e equilibrado da sua vida e do desenvolvimento do seu pensamento.

Todos na Igreja nutrimos uma grande dívida de gratidão para com Joseph Ratzinger/Bento XVI em virtude da profundidade e do equilíbrio do seu pensamento teológico, sempre vivido a serviço da Igreja até as mais altas responsabilidades, como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé durante o longuíssimo pontificado de João Paulo II e, por fim, como pastor universal. A contribuição da sua fé e da sua cultura para um Magistério da Igreja capaz de responder às expectativas do nosso tempo, sobretudo durante as últimas três décadas, tem sido fundamental. Ademais, a coragem e a determinação com que enfrentou situações difíceis mostraram o caminho para responder a elas com humildade e verdade, em espírito de renovação e purificação.

Todavia, gostaria de insistir em que, nestes primeiros anos do meu pontificado, a minha ligação espiritual com ele permanece particularmente profunda. Sua presença discreta e sua oração pela Igreja oferecem um apoio e um conforto contínuos ao meu serviço.

Com frequência recordo a audiência em que se despediu dos cardeais, a 28 de fevereiro de 2013, antes de deixar o Vaticano. Ali, proferiu aquelas palavras comoventes: «E entre vós, entre o Colégio Cardinalício, está também o futuro Papa, ao qual já hoje prometo a minha reverência e obediência incondicionadas». Eu não tinha como saber que se referia a mim naquele momento. No entanto, em todas as reuniões que tive com ele, pude experimentar não somente reverência e obediência, mas também uma cordial proximidade espiritual, a alegria de rezar juntos, uma fraternidade sincera, compreensão, amizade e, também, disponibilidade para conselhos. Quem melhor do que ele para compreender as alegrias, mas também as dificuldades, do serviço à Igreja universal e ao mundo de hoje e para estar espiritualmente próximo de quem é chamado pelo Senhor a suportar esse peso? Eis por que a oração dele me é particularmente preciosa e sua amizade, tão bem-vinda.

Para a Igreja, a presença de um Papa emérito juntamente com um Papa em exercício é uma novidade. E, porque se amam, trata-se de uma linda novidade. Em certo sentido, exprime de maneira particularmente clara a continuidade do ministério petrino, ininterrupto como os elos de uma mesma corrente soldados pelo amor.

O povo santo de Deus a caminho compreendeu isso muito bem. Sempre que o Papa emérito aceitou meu convite para aparecer em público e pude abraçá-lo na frente de todos, a alegria e o aplauso dos presentes foram sinceros e intensos.

Fiquei muito grato a Bento XVI por querer participar da abertura do Jubileu da Misericórdia, passando pela Porta Santa imediatamente depois de mim; e uma recente intervenção sua (*Osservatore Romano*, 17.03.2016), na qual destaca como «sinal dos tempos» que «a ideia da misericórdia de Deus se torne sempre mais central e dominante» e que «o homem de

hoje espere a misericórdia», demonstra mais uma vez, de modo claríssimo, como o amor misericordioso de Deus é a vertente unificadora mais profunda dos últimos pontificados, a mensagem mais urgente que a Igreja em saída leva até as periferias de um mundo marcado por conflitos, injustiças e desprezo pela pessoa humana.

A missão da Igreja, o serviço de Pedro, através das variações naturais de situações e pessoas, é sempre anúncio do amor misericordioso de Deus pelo mundo. Toda a vida e toda a obra de Joseph Ratzinger almejam esse fim. E nessa mesma direção, com a ajuda de Deus, esforço-me por continuar.

Apresentação à edição brasileira

Frequento o pensamento de Bento XVI há mais de duas décadas. Também já li muitos textos a ele dedicados. Mas, ainda assim esta longa e detalhada narrativa da trajetória do papa alemão foi capaz de surpreender-me de muitas maneiras. Elio Guerriero autor já havia dedicado livros a figuras como o político Ignazio Silone, Santa Gianna Beretta Molla e o teólogo suíço Hans Urs von Balthasar (com quem também conviveu), de modo que sua experiência de biógrafo é larga e qualificada. Mas este livro, de modo muito particular, é precioso por sua *gênese*.

Chama a atenção não haver nem mesmo na introdução elementos pessoais do escritor italiano. Guerriero, no intuito de concentrar o foco em seu «objeto», deixa de lado detalhes sobre si e sobre a sua relação com Ratzinger. Mas esses detalhes podem ajudar-nos a adentrar esta obra com o mesmo espírito com que foi escrita. Por isso mesmo, no mês de fevereiro de 2021, em nome da Quadrante Editora, pude conversar diretamente com Guerriero, a fim de compreender não só o observado, mas também o observador. Tínhamos em mãos o texto: queríamos o

contexto e, de certo modo, o subtexto. Nossa intenção justificase pelo relato desse colóquio que faço a seguir.

Logo de início, Guerriero disse-me que a redação da biografia era, para ele, um «dever», dada a «longa navegação» que ele e Ratzinger empreenderam juntos desde a década de 1980. «Tive a graça de colaborar com ele por um longo tempo. E senti essa obrigação de fornecer um retrato que correspondesse o mais fielmente possível à sua pessoa e falasse da sua biografia, do seu pensamento, da sua espiritualidade».

Guerriero sempre sentiu uma forte «união espiritual» com o então teólogo Ratzinger, tanto que o encontrava, sobretudo por motivos editoriais, pelo menos duas vezes ao ano. Afinal, trabalhou intensamente por anos na edição italiana da revista de teologia e cultura *Communio*, fundada em 1972 pelo futuro papa e outros teólogos do quilate de Henri de Lubac, Hans Urs von Balthasar, Jean Daniélou, Angelo Scola etc., para fazer frente às correntes que queriam continuar o espírito reformador do Concílio Vaticano II, mas que se afastavam demasiadamente de sua letra e da intenção da maior parte dos padres conciliares, transformando a Igreja num canteiro de obras permanente. Um exemplo da especial colaboração entre Ratzinger e Guerriero é o seguinte: se temos a autobiografia de Ratzinger (cuja edição original é a italiana *La mia vita*), é pela insistência de Guerriero. Quando o cardeal alemão completou 70 anos, junto com o diretor das *Edizioni San Paolo*, nosso autor insistiu – diversas vezes – para que o purpurado escrevesse sua história, pois «não se sabia nada dele». Vencido, Ratzinger entregou um texto curto, mas rico em detalhes e exames da própria trajetória existencial e intelectual.

O autor conta que, depois de eleição do cardeal bávaro ao sólio pontifício, ele e seus colegas de editora foram visitar o novo papa. Os diretores passaram a apresentar aqueles que compu-

nham a comitiva. Quando chegou a vez de Guerriero ser apresentado, Bento XVI exclamou: «Não há necessidade, este eu conheço. É um amigo». E entre amigos se fala assim: quando Guerriero editava o texto italiano do primeiro volume de *Jesus de Nazaré. Do Batismo à Transfiguração*, Bento XVI perguntou-lhe: «Mas você não está cansado dos meus livros?», ao que o nosso autor replicou, também divertidamente: «Mas se o senhor não está cansado de escrevê-los!».

Assim, é evidente o motivo pelo qual o nosso autor se sentiu impelido a apresentar «uma imagem correta deste homem», tantas vezes alvo de preconceitos vindos de direções diversas, muitas do próprio seio eclesial. Um homem que só quis ser um servo; que buscava «servir, a causa de Jesus, acima de tudo; a causa da Igreja, a causa da humanidade». Tanto que Guerriero tranquilamente afirma que a renúncia, para ele, não foi surpresa. Ratzinger esteve sempre disposto a renunciar, em toda a sua vida, se não estivesse em condições de cumprir a sua missão.

Guerriero quis «dar um testemunho». Asseverava, biblicamente: «Transmiti o que vi e vivi», advertindo ao mesmo tempo: «A vida de um pontífice é difícil; escrever a vida de um pontífice como Ratzinger é ainda mais difícil. Comparo Ratzinger um pouco a Paulo VI. São dois personagens que estiveram no pros-cênio do mundo desde muito jovens. Esta é a dificuldade».

Mas ele contou com um ajuda preciosíssima: a do próprio biografado. O historiador recorreu a Bento XVI para aperfeiçoar a descrição. No encontro que tiveram na fase final de redação desta obra, Bento XVI contou a Guerriero: «Já li quinze capítulos!». Bento XVI, dizia ele, «ajudou-me em pontos delicados; coloquei-lhe algumas questões a que ele respondeu com muita disponibilidade e exatidão». O papa emérito interveio em particularidades da sua infância, corrigindo nomes e coisas do gênero. Não pediu modificações nos juízos que Guerriero emitira

sobre eventos e pessoas que cruzaram o caminho da sua própria vida. Na perspectiva do biógrafo, isso demonstra o grande respeito do biografado por seu interlocutor. Bento XVI deixa o que ocorreu e o que está escrito à livre interpretação.

Guerriero não hesita em afirmar que Bento XVI é um «verdadeiro Padre da Igreja do nosso tempo», pois figuras eminentes por sua vida e doutrina não estão presentes apenas nos primeiros séculos da Igreja. O papa emérito deixa à Igreja um legado de fé, mas sobretudo, como teólogo, um exemplo de que a constante busca pela inteligibilidade da fé pode ser crítica e fiel, individual e eclesial, racional e orante.

Agora, cabe a mim falar brevemente da obra em si mesma. Sua publicação em língua portuguesa ajuda a preencher uma lamentável lacuna de obras (secundárias) sobre Bento XVI em nossa terra. Os estudiosos da sua teologia e do seu magistério por aqui não encontram abundantes comentadores sobre os quais se apoiar para as suas pesquisas, uma situação que está longe de corresponder à importância e ao impacto eclesial de Ratzinger. Nesse sentido, esta publicação é um precioso serviço prestado à vida acadêmica nas faculdades de teologia do Brasil, de onde saem tantos sacerdotes, religiosos e leigos para o campo pastoral. Contudo, esta obra também é um serviço aos numerosos leigos que, sem serem especialistas em teologia, muitas vezes encontram forças para viver a sua fé no exemplo e no ensinamento do Papa Bento XVI.

Esta biografia – intelectual, sim, mas muito mais do que isso – não fala apenas de ideias. Ratzinger não viveu de abstrações. Viveu a sua encarnação histórica. Por isso, vemos aqui como a geografia e o ambiente cultural e religioso ajudam a entender uma vida. Como nascer no estado da Baviera colaborou para formar a visão católica serena que Ratzinger cultivou ao longo dos anos. Como a pertença a uma família simples, que vivia a fé

de modo espontâneo, implicou um homem – permitam-me citar a expressão usada por Guerriero, com a musicalidade de sua língua – orientado por um *cristianesimo gioioso*, alegre, mesmo na frugalidade e até em meio ao horror da guerra. Este espírito familiar era tão poderoso que o irmão do Cardeal Ratzinger, Mons. Georg (falecido em 2020), ex-mestre do coro da Catedral de Regensburg, não ficou muito feliz com eleição do irmão caçula ao papado, porque já tinha planos de restaurar a comunhão de vida e convivência entre eles em terras alemãs, bávaras, no pequeno município de Pentling, distrito de Regensburg.

Outra singularidade deste texto é o fato de ele constituir quase umadensa crônica da vida de Ratzinger: está repleto de dados que não temos em livros do mesmo gênero. É um trabalho historiográfico de grande qualidade. Em geral, o leitor encontrará nele as seguintes informações: o *lugar* no qual Ratzinger se situava, do ponto de vista *geográfico e cultural* (Marktl am Inn, Tittmoning, Aschau, Traunstein, Freising, Munique, Bonn, Münster, Tübingen, Regensburg, Roma, Vaticano); o *contexto histórico, sociopolítico e eclesial* (2ª Guerra Mundial, Concílio Vaticano II e o período da sua aplicação, Sínodos) no qual ele se viu impelido a atuar ou sobre o qual teve que refletir; a *posição* ou *função* institucional a partir da qual agiu (Seminarista, Padre, Professor, Vice-Reitor, Arcebispo, Cardeal, Prefeito, Papa, Papa Emérito), seja na Igreja ou na universidade; as *pessoas* e as *relações* (família, filósofos, teólogos, outros prelados, o Papa João Paulo II) que marcaram a sua vida e formaram a sua personalidade e as suas convicções; a sua conexão ou proximidade com *movimentos* e *instituições* (Comunidade Integrada, Revista *Communio*, Comunhão e Libertação); a sua *produção bibliográfica, teórica* mais destacada (livros, conferências) e as *problemáticas* que enfrenta; os autores que embasaram seu pensamento (Agostinho, Boaventura, Newman, Guardini, Steinbüchel,

Ebner, De Lubac, von Balthasar, Pieper) e aqueles que foram seus interlocutores intelectuais ou ainda seus opositores, de tempos passados e, também, contemporâneos seus (Pascal, Kant, Hegel, Nietzsche, Heidegger, Jaspers, Marx, Bloch, teologia protestante, judaísmo, Habermas, pensamento laico).

Como se pode ver, uma visão exaustiva o perfil humano, espiritual e intelectual de Ratzinger. Enfim, volto às palavras do próprio autor a mim dirigidas:este «é um livro escrito – espero – com rigor, mas, também, com empatia pelo personagem...». Disse-me que quis apresentar antes de tudo um «retrato fiel; belo porque belo é o personagem, não por mérito meu», concluía..

Só posso dizer que o retrato é mais que belo. É inspirador. Eu o li com extremo prazer e regozijo. Penso que serei apenas um entre muitos a experimentá-lo como um verdadeiro dom.

Rudy Albino de Assunção

Introdução

Uma biografia de Joseph Ratzinger/Bento XVI deve partir necessariamente de uma observação histórico-geográfica. Ele nasceu na Alemanha em 1927, época da nefasta ascensão do nazismo, que tanto horror deixaria atrás de si. A exemplo de muitos católicos alemães, cresceria rejeitando todo tipo de violência, mas também procurando sobreviver à onda de barbárie que se estendeu perigosamente por toda a Europa a partir da Alemanha.

As convulsões bélicas o levaram, no período de sua formação, a aproximar-se de dois pensadores: Agostinho e Boaventura. Ambos haviam situado o tempo no centro das suas reflexões. O Padre africano colocara o amor de Deus na origem da história e falara de sua graça, anunciada por Jesus, como dom concedido à fraqueza do homem. O antigo *magister* parisiense, assim que se tornou ministro-geral dos franciscanos e juntamente com a reviravolta histórica suscitada pelo *poverello* de Assis, pôs em relevo a continuidade da revelação divina, a qual, culminando em Jesus Cristo, permanece viva e operante

ao longo do tempo, não obstante a fraqueza e a corrupção das instituições. Delas, apesar das ilusões milenaristas de Joaquim de Fiore e seus emuladores de todas as épocas, não se pode prescindir. O Reino de Deus anunciado por Jesus decerto está próximo pela presença da graça e dos sacramentos; porém, mais uma vez, não está entre as possibilidades do homem realizá-lo ou mesmo apressar sua vinda.

Apoiado no pensamento de dois doutores da Igreja, mas também no de dois teólogos contemporâneos – Henri de Lubac e Hans Urs von Balthasar – Ratzinger foi adversário convicto no Vaticano II da visão naturalística da escolástica que ainda vigorava em congregações e universidades pontifícias romanas. Por outro lado, anos mais tarde tomaria, com igual firmeza, distância de Rahner, de Küng, dos teólogos da libertação e de outros que, segundo ele, ao insistirem excessivamente na novidade, corriam o risco de romper o fio da tradição. Para Ratzinger, a tradição é como um curso ininterrupto que, voltando no tempo, conduz às origens apostólicas e ao próprio Jesus.

Em Munique, o cardeal conheceu a *Integrierte Gemeinde*, pequeno movimento de cristãos que, perante o horror nazista, começou a repensar o Israel eterno e a dívida de gratidão dos cristãos para com o Povo da Promessa. Esse grupo estimulou Ratzinger a desenvolver a ideia das diversas religiões e da única aliança estabelecida por Deus com a humanidade, por meio dos filhos de Abraão. Sob essa perspectiva, tomou forma seu pensamento acerca da revelação iniciada na Aliança do Sinai e levada à plenitude por Jesus, com a nova lei proclamada no Monte das Bem-aventuranças.

Como prefeito do antigo Santo Ofício, Ratzinger procurou secundar a obra de João Paulo II, enfim colocando ponto final às consequências nefastas do nazismo e da guerra e chamando a Europa não somente às suas origens cristãs, mas também ao

amor, à beleza que é capaz de moldar e dar forma acolhedora a países e cidades, ambientes e paisagens.

Como Papa, Bento, como já fizera em Munique, sustentava que sua tarefa não consistia tanto em reformar instituições antigas. Antes, olhando mais ao longe, convidou a Igreja à fé e à metanoia, isto é, à mudança do coração exigida pelos escândalos sexuais e econômicos.

A todos os homens, recordou que a dúvida não é própria apenas daqueles que creem, que devem explicar as razões da sua fé, mas também daqueles que olham para a Criação com olhar de simpatia, daqueles que governam o mundo com responsabilidade. O porto que Platão ergueu no mundo do espírito continua a ser uma possibilidade séria para todo homem que se questiona com consciência e lealdade valendo-se da razão que o distingue das outras criaturas. O legado de Ratzinger pode ser visto na sua encíclica sobre o amor, que fala a todos os homens em busca de sentido. Nela, faz uma defesa vigorosa da verdade, bem inestimável para a humanidade inteira, como pressuposto de uma possível convivência na fraternidade.

Outro grande legado de seu pontificado é a renúncia ao ministério petrino. Depois de ter reconvocado, juntamente com seu venerado predecessor, a Europa às suas origens e centralidade, iniciou a abertura da Igreja a novas fronteiras da geografia e do espírito, introduzindo-a finalmente naquele terceiro milênio do qual João Paulo II tanto falara.

Não escrevi este volume como forma de contribuir para a causa da beatificação de Joseph Ratzinger. Pelo contrário, estou convencido de que a Igreja faria bem em renunciar à canonização dos papas porque, como afirmava Hans Urs von Balthasar, essa prática a expõe ao risco de canonizar a si mesma e sua história. Seja como for, a vida dos papas não se dá sob um alqueire (cf. Mt 5, 4-15), mas à vista dos homens de todo o mundo. Convém

deixar o julgamento sobre o seu trabalho à livre pesquisa dos estudiosos. Também isto poderia ser um sinal da abertura que é tão cara ao seu sucessor.

Em vez disso, optei por falar sobre um homem honesto, apaixonado pela Baviera e pelos livros, que relutantemente deixou a cátedra de professor para ocupar a de bispo. Com essa mesma atitude foi a Roma, sentindo a contida alegria do semeador que lança sua palavra na esperança de que muitos a recolham. A aceitação de sua eleição como sucessor de João Paulo II foi mais uma vez um ato de obediência à decisão dos irmãos no episcopado. Num famoso ensaio, ele mencionara a estrutura martirológica do primado petrino. Na linguagem um tanto tortuosa dos teólogos, queria dizer que ser papa requer a mesma paciência e a mesma resistência ao sofrimento que um mártir. Não imaginava que experimentaria isso pessoalmente.

Mesmo no trono de Pedro, porém, mostrou que era um homem e um cristão convicto e coerente. A suposta deficiência no governo, pela qual já lhe censuraram, vinha acompanhada de um convite à reforma e ao seguimento de Cristo que merecia uma acolhida mais convicta. A firmeza com que enfrentou escândalos calados por tanto tempo não recebeu o apoio daqueles que muito facilmente procuraram distanciar-se deles. Por fim, no campo político, o programa de um humanismo novo para o terceiro milênio foi recebido com ceticismo por aquela Europa a que se dirigiam as preocupações e os afetos do Papa alemão.

Qualquer juízo sobre o papado de Ratzinger não pode ignorar o gesto de sua renúncia, que fora por muito tempo meditada e acabou anunciada imediatamente após o início do Ano da Fé. Não se tratava de um gesto de rebeldia ou de um passo indolor, e sim de um gesto profético, realizado na presença de Deus e com o apoio dEle. Só desse modo é possível explicar a paz que se lhe seguiu, a serenidade de quem sabia ter feito uma escolha dolo-

rosa, mas justa. Mais significativo ainda é o comportamento de Ratzinger como Papa emérito. A obediência e a proximidade com o Papa Francisco, sobretudo nos momentos mais delicados, desmontam o argumento dos teóricos da conspiração e transmitem a imagem de um homem que, após ficar por muito tempo no comando, não havia esquecido a virtude da obediência.

Nos últimos anos, o Papa Bento aproximou-se de São Bento, pai do humanismo monástico que conseguiu manter unidas a oração contemplativa e uma atividade silenciosa e harmoniosa. Em *Fé, verdade, tolerância*, recordou a morte de São Bento, que segundo São Gregório dera-se no piso superior de uma torre. Em seguida, comentou: «Ele pode ver melhor porque enxerga tudo do alto, e soube chegar a essa altura porque se dilatou por dentro. E agora a luz de Deus é capaz de tocá-lo, ele é capaz de reconhecê-la, e em virtude disso adquire uma visão de conjunto»¹.

Também o mosteiro Mater Ecclesiae, onde o Papa Bento passa a última parte de sua vida, encontra-se no alto. Ali, a exemplo de Santo Agostinho, seu companheiro de viagem por toda a vida, ele encontrou a paz em Deus; dali, permanece em comunhão com seu sucessor e toda a Igreja. Também enxerga a humanidade com olhos mais serenos, com o amor de Jesus – o bom samaritano que cura todo tipo de ferida –, com a misericórdia de que seu sucessor fala. Em todos, deixa a semente que com tanta paciência foi semeada: à Igreja, o convite a um seguimento novo e mais convicto de Jesus; às religiões e Estados, a exortação a uma colaboração mútua sobre os alicerces de uma sã laicidade.

Por fim, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que estiveram perto de mim, com sugestões e propostas, ao longo de todos estes anos de trabalho. A lista, é claro, ficaria longuíssima caso eu pretendesse incluir todos. Limito-me, pois, a agradecer antes de mais nada aos dois Papas: ao Papa Francisco, pelo pre-

fácio generoso que eu não ousei esperar, e ao Papa Bento, que aceitou ler meu texto, respondendo a vários pedidos de esclarecimentos e oferecendo sugestões preciosas. Em seguida, agradecimento de modo especial à Sua Excelência D. Georg Gänswein, que sempre respondeu com clareza e precisão às minhas perguntas. Não é menos importante, porém, a gratidão aos muitos que não são mencionados aqui. Concluo com um imprescindível agradecimento à minha esposa, aos meus filhos e aos meus parentes, cujo apoio e compreensão nunca falharam.

Monza, 5 de maio de 2016

I

Na Alemanha do Terceiro Reich

A família Ratzinger

Em Rickering, próximo a Schwanenkirchen, na Baixa Baviera, conserva-se uma foto que retrata toda a família Ratzinger reunida para comemorar, em 1931, o octogésimo aniversário da avó paterna Katharina Schmid. À época, o avô do Papa, que também se chamava Joseph Ratzinger, já havia morrido. Seus genitores, Joseph e Maria, estão à direita do numeroso grupo.

Joseph Ratzinger, o pai, nasceu em Rickering em 1877. Era o segundo de onze filhos de uma família dedicada à agricultura. Frequentou a escola elementar, onde conheceu duas pessoas que tiveram especial influência sobre ele: o capelão Rosenberger, que lhe transmitiu sua profunda experiência religiosa, e o maestro Weber, que dirigia o coro da igreja e convidou o pequenino Ratzinger para o grupo de cantores. O menino, desde então,

conservou uma séria e duradoura paixão pela música e pelo canto. Tendo completado o ensino fundamental, Joseph continuou até onde pôde sua educação, frequentando aos domingos uma espécie de atividade extraclasse em que se ministravam cursos de aprofundamento religioso, mas também de caráter mais genérico. Uma vez que a primeira filha era mulher – Anna –, coube àquele primeiro filho homem ajudar o pai nos trabalhos pesados da propriedade.

Em 20 de outubro de 1897, o jovem de 20 anos foi convocado para o serviço militar em Passau. Era um bom soldado, destacando-se como atirador de elite. Após os dois anos de serviço, veio a ser nomeado suboficial, posto com o qual permaneceu no exército por ainda mais três anos. De volta à casa em 1903, descobriu que seus pais haviam decidido que a propriedade agrícola seria herdada por um irmão mais novo, e não por ele. Teve, então, de repensar a vida e decidiu, depois de informar-se adequadamente, ingressar na polícia. Seu registro militar descreve-o da seguinte maneira: «25 anos, católico, solteiro, 1,64m de altura»¹. Seu primeiro local de trabalho foi em Niederambach, mas várias transferências se seguiram. À época, com efeito, os policiais eram frequentemente transferidos para evitar que, ao permanecerem por muito tempo em determinada delegacia, criassem raízes profundas que dificultassem possíveis transferências futuras.

A Baviera, e de modo especial Munique, não era um local ruim para se morar no início daquele novo século. Não foi por acaso que Wassily Kandinsky chegou até ali de Moscou; Paul Klee, de Zurique; e Rainer Maria Rilke, de Praga. Joseph, no entanto, não teve tempo para pensar em constituir uma família: havia, em primeiro lugar, as necessidades da família de origem; depois, seus superiores o aconselhavam a esperar para contrair matrimônio.

Durante a Primeira Guerra Mundial, partiu para Ingolstadt, onde o contingente policial estava sendo reforçado. Como havia ali muitas indústrias, temiam-se revoltas dos trabalhadores. A guerra em que a Alemanha se alinhou à Áustria contra a França, a Grã-Bretanha e a Itália levou à queda do Império dos Habsburgos. A derrota, que teve grave repercussões em toda a Europa, trouxe resultados incendiários, sobretudo nos países de língua alemã. Graças às tensões sociais no Império Alemão, à incapacidade de reformar as classes dominantes e à inépcia dos comandantes militares, a Alemanha e a Áustria, após a derrota, viram-se atormentadas por mudanças internas radicais e perigosas. A revolta eclodiu primeiro na Baviera, onde ocorreram em novembro de 1918, antes portanto do fim oficial da guerra, distúrbios tais que culminaram no levante espartaquista e na chamada República Soviética da Baviera.

Após o final infeliz da revolta, no ano seguinte, houve novas eleições, e a preferência dos eleitores voltou-se para o partido dos católicos, que se tornou a primeira formação política da Baviera e o único partido regional representado no parlamento nacional alemão, o Reichstag. A essa altura, o policial Joseph Ratzinger achou que era hora de constituir a própria família. Aos 43 anos, não tinha qualquer familiaridade especial com os costumes mundanos e as mulheres. Recorreu, então, a uma estratégia um tanto incomum para casar-se: um anúncio no *Liebfrauenbote*, o jornal católico de Altötting: «Servidor público, solteiro, católico, 43 anos [...] procura matrimônio, quanto antes melhor, boa jovem católica»². Sua primeira tentativa fracassou; a segunda foi respondida por uma mulher chamada Maria Rieger.

Nascida em 1884, a mãe do futuro pontífice era originária de Rimsting, no lago Chiem, o «Mar Bávaro», onde Luís II mandara construir a sua Versalhes. O pai de Maria, Isidor

Rieger, era suábio-bávaro; a mãe chamava-se Maria Peintner e era originária do Tirol. Administravam uma pequena padaria que, no entanto, não era suficiente para sustentar a família que crescia rapidamente. Maria, a primeira dos sete irmãos, logo teve de assumir responsabilidades. No começo, acompanhou o crescimento dos irmãos e irmãs em casa; então, mal cruzado o limiar da adolescência, frequentou um curso de culinária e passou a trabalhar com um diretor de orquestra de Salzburgo para incrementar o orçamento familiar. Também no caso dela, a proximidade com um maestro fomentou o interesse pelo canto – interesse jamais esquecido.

O trabalho, todavia, não durou muito, uma vez que o músico não conseguia lhe pagar. Com tenacidade, Maria buscou novos empregos até chegar ao Neuwittelsbach Hotel de Munique, onde procuravam uma cozinheira de bolos e doces. Em 1912, entretanto, faleceu-lhe o pai, Isidor Rieger, e a responsabilidade pelo sustento dos numerosos irmãos e irmãs recaiu ainda mais sobre ela; a caçula, Clothilde, tinha apenas 12 anos. Em 1920, quando leu o anúncio do policial Ratzinger, Maria já contava 36 anos de idade. Provavelmente pediu conselho ao pároco, que lhe deu opinião favorável; os dois jovens, então, começaram a encontrar-se.

Joseph era um homem exigente, respeitado e justo; Maria, uma mulher bonita, generosa e de bom coração. Os dois noivos, que não eram assim tão jovens, logo aprenderam a conhecer-se e amar-se. Já em 20 de outubro de 1920, Joseph pediu-lhe oficialmente em casamento. Tendo recebido o esperado consentimento da noiva, precisou, não obstante sua idade, pedir permissão à polícia. As núpcias foram celebradas a 9 de novembro de 1920 em Pleiskirchen, onde nasceram também os dois primeiros filhos: Maria, em 1921, e Georg, em 1924.

A amada Baviera

Quando da eleição de Joseph Ratzinger como pontífice em 2005, a mídia em todo o mundo insistiu na novidade que era ter um papa alemão sucedendo um polonês. A informação procedia, mas não era de todo exata. Antes de alemão, Joseph Aloisius Ratzinger é bávaro de nascimento e cultura. Em setembro de 2006, em visita à Baviera, declarava: «Amo a beleza da nossa terra, onde de bom grado faço longas caminhadas. Sou um patriota bávaro, amo de modo particular a Baviera, a nossa história e, naturalmente, a arte»³. Convém, portanto, seguindo a reconstrução de um famoso historiador⁴, dar uma olhada na cultura e na geografia dessa *Land* que, precisamente por seu passado, afirma sua autonomia cultural e econômica dentro da Alemanha Ocidental. Os primeiros documentos históricos sobre a Baviera datam do século VI, quando o ducado era governado por uma família de origem francesa. Mais tarde, incorporada ao império por Carlos Magno e seus sucessores, recuperou sua autonomia no século X, quando os carolíngios tiveram de retirar-se da região oriental do império. Após alguns séculos de incertezas, em 1180, o ducado foi conferido por Frederico Barba Ruiva a Otão de Wittelsbach, cuja família governou o país ininterruptamente por cerca de 750 anos, até a noite entre 7 e 8 de novembro de 1918.

Como já mencionado, mesmo antes do fim oficial da guerra, o custo de vidas humanas exigido pelo primeiro conflito mundial e as privações subsequentes à derrota causaram na população um descontentamento tal que motivou a uma série de levantes inesperados e violentos. Eugenio Pacelli, observador excepcional e, à época, núncio na Baviera, escreveu: «A revolução na Baviera eclodiu rapidamente e como um relâmpago»⁵. Sem se deixar enganar pelos relatos da imprensa conservadora, o núncio atribuía

a responsabilidade dos eventos não tanto a uma conspiração externa quanto às reações psicológicas de uma população faminta e exausta após a humilhação da derrota e das numerosas perdas humanas. Liderados por um grupo dissidente do Partido Socialista – os espartaquistas –, a revolta declarou deposto o rei Luís III e, sob a presidência de Kurt Eisner, deu à luz uma república de estilo soviético: a *Räterepublik* ou República dos Conselhos, que, no entanto, caiu miseravelmente depois de apenas um mês. Enquanto isso, o nuncio Pacelli, por conselho do novo arcebispo de Munique, Michael von Faulhaber⁶, que chegara à cidade quase ao mesmo tempo que o diplomata enviado de Roma, deixou a capital para não se encontrar com Eisner e dar, assim, qualquer impressão de reconhecer o líder dos rebeldes.

As desordens na capital bávara, todavia, ainda não se haviam encerrado. Em 12 de janeiro de 1919, as eleições regionais que deram sólida maioria aos partidos de ordem: o Partido Popular da Baviera e o Partido Social-Democrata. Depois de alguns dias, Pacelli julgou oportuno retornar à sede, mas, no mês seguinte, o assassinato de Eisner pelas mãos de um jovem oficial do exército, nobre e católico, deu início a uma nova onda de violências e agitações que deflagraram a segunda revolução de Munique. Uma segunda República, portanto, foi constituída pelos Conselhos, mas mostrou-se efêmera como a primeira. Em agosto de 1919, a agitação terminou com a adesão da Baviera ao *Reich* germânico e à República de Weimar. O *Land* bávaro dava, assim, mais um passo para a plena adesão à Confederação Germânica, muito embora sua autonomia política e cultural fosse sempre reivindicada, em particular pelo Partido Popular Católico.

Não obstante a especificidade dessa região tão tenazmente afirmada e defendida, não se pode deixar de reconhecer que a Baviera moderna consiste em três faixas de territórios de diferentes origens históricas: a Suábia, a sudoeste; a Francônia, ao

norte, onde prevalecia originalmente a confissão protestante; e, ao centro e sudeste, a Baviera antiga ou profunda – a *Altbayern* da qual o Papa, em suas memórias, fala com toques frequentemente líricos, ditados por um amor jamais esquecido. De Passau e Salzburgo, esta Baviera olhava para a Áustria, a Boêmia e a Tchecoslováquia, para a Polônia e o mundo eslavo, não com a intenção de agredi-los ou conquistá-los ao estilo de Hitler e seus seguidores facínoras, mas com o objetivo de manter vivo um diálogo de cultura e de fé que jamais se interrompeu ao longo dos séculos.

A Igreja como lugar vital

Ainda empenhada no *Kulturkampf*, a Alemanha do início do século XX permaneceu bastante alheia às lacerações provocadas na Igreja universal pelo modernismo e pela forte reação de Pio X e seus conselheiros excessivamente zelosos. Por outro lado, os teólogos e bispos que cuidavam das almas perceberam antes dos outros o perigo anunciado pelo subjetivismo e pelo individualismo dos tempos modernos. Esses homens deram início, ademais, a uma significativa reviravolta na teologia, que em fins do século XIX e início do século XX estivera profundamente marcada pela visão neoescolástica, segundo a qual a fé estaria ligada à assimilação intelectual e à articulação verbal das verdades de fé.

Entre os primeiros a reagir ao racionalismo desta linha de pensamento estava o monge beneditino Odo Casel (1886-1948), que vislumbrou, ao elaborar uma teologia dos sacramentos e mistérios, a aurora de um novo dia que, superando o racionalismo e o materialismo, se voltava ao êxtase e à mística. O sinal lançado por Casel foi captado pelo movimento litúrgico, em especial por Romano Guardini⁷, responsável por dar novo

impulso ao movimento que nascera na França e rapidamente desembarcara na Alemanha. Lá, porém, corria o risco de permanecer confinado a mosteiros como Beuron ou Maria Laach.

No entanto, foram os próprios monges, de modo especial o abade Ildefons Herwegen, que tomaram a iniciativa de levar esse movimento para fora do círculo monástico. Com esse intuito, o abade Herwegen criou uma coleção de livros intitulada *Ecclesia orans* – isto é, a «Igreja em oração» – e uma coleção anual de estudos litúrgicos, a *Jahrbuch für Liturgiewissenschaft*, com a qual tentava formar um senso da beleza e da estética das celebrações litúrgicas. Não foi por acaso que Guardini, vindo de Mainz e de Bonn, começou a frequentar a abadia de Maria Laach, onde conheceu e fez amizade com o padre Kunibert Mohlberg. Foi precisamente ao monge beneditino que Guardini mostrou os exemplares de algumas cartas em que explicava, a um amigo, a origem de determinadas verdades religiosas, em particular o fundamento da própria liturgia. Não entrava, ali, em tópicos específicos, mas antes aprofundava o sentido do todo.

Sem o conhecimento de Guardini, o padre Mohlberg mostrou suas cartas ao abade Herwegen, que ficou entusiasmado. Com pequenas variações, tornaram-se os primeiros capítulos do *Espírito da liturgia*⁸. A obra logrou sucesso imediato e, em menos de cinco anos, ganhou doze edições. A razão para tão inesperada acolhida deve ser buscada, primeiro, na linguagem absolutamente não clerical empregada pelo autor. Com o objetivo de dirigir-se a todos, ele se esforça por explicar cada texto e acontecimento litúrgico fazendo referência à realidade eclesial inteira, à catolicidade da fé e da Igreja. Escreveu Max Scheler a Guardini após a leitura da obra: «Tenho para mim que teu pequeno trabalho é classicamente perfeito para o propósito determinado, e fico também particularmente feliz por estar sendo lido e divulgado»⁹.

O capítulo que trata a liturgia como jogo suscitou especial interesse entre os leitores. Guardini explicava: a verdade, assim como a obra de arte, não busca objetivo algum, mas isso não significa que não tenha sentido. Sua gratuidade está na raiz da sua beleza. Outro ponto importante é o capítulo sobre a prioridade do *logos* sobre o *ethos*, com o qual Guardini pretendia ir além de Kant. Escrevia ele: «A verdade é verdade porque é a verdade. A atitude e a ação da vontade com relação a ela lhe são, em si e por si, indiferentes»¹⁰. Na mesma carta que mencionamos, Scheler comenta: «O capítulo sobre o *logos* e o *ethos* tornou-se necessário, de forma particularíssima, num período como o nosso, em que devemos restaurar o texto de São João»¹¹. Por fim, e acima de tudo, Guardini inseria suas reflexões sobre a liturgia no seio da vida da Igreja. Ela possui algo mais, algo que deriva do tempo, em sua capacidade de plasmar e vincular. É essa ligação com a vida da catolicidade e do dogma que conduz à liberdade interior. «A verdade torna a oração poderosa, comunicando-lhe aquele vigor rude, mas vivificante e preservador, sem o qual ela se faz fraca e adocicada»¹².

Nada disso, obviamente, impedia Guardini ter em justa consideração a devoção popular. A referência ao vínculo entre a liturgia e a vida da Igreja marcou um distanciamento progressivo da abadia de Maria Laach e sua aproximação do movimento juvenil *Quickborn* (isto é, «Fonte que jorra»). Em 1949, Guardini recordava:

Em 1919, alguns de nós tínhamos saído para um passeio. Tão logo voltamos, contaram-nos sobre uma antiga fortaleza no Meno chamada Rothenfels, onde se davam fatos um tanto insólitos. Ninguém, segundo eles, estava no comando, e não obstante havia perfeita ordem. Trabalhava-se e celebrava-se, mas tudo por parte das pessoas mesmas que integravam

aquilo; os jovens e as moças estavam juntos, na seriedade e na alegria, e tudo se dava de maneira limpa e honesta. Então, na Páscoa de 1920, eu mesmo subi até lá¹³.

Criado em 1909, o Quickborn rapidamente reunira um bom número de jovens. Esse crescimento diminuiu em virtude da guerra, mas retornou vigoroso após a compra, em 1919, do castelo de Rothenfels, acima do rio Meno, a oeste de Würzburg. A fortaleza tornou-se o ponto de encontro mais importante dos jovens do Quickborn. Aproximando-se deles quase por curiosidade, Guardini logo tornou-se guia indiscutível, o animador capaz de manter os jovens fascinados com suas reflexões sobre a liturgia, a Trindade e a vida da Igreja. Josef Pieper, que tornar-se-ia célebre como filósofo, recordou: «Em agosto de 1920 eu vi, pela primeira vez, Romano Guardini, de longe, no pátio interno da fortaleza de Rothenfels [...] Fascinava-nos algo que nunca antes víamos e pelo quanto aquele homem sabia nos dizer, com um modo de falar quase incrivelmente simples»¹⁴.

Além de falar, Guardini sabia também escutar, entender os sentimentos novos que iam tomando forma nas almas. De 1920 a 1922, foi o diretor espiritual do convento das Irmãs do Sagrado Coração em Pützchen, perto de Bonn. Ali, encontrou tempo para preparar sua tese para a livre-docência, mas muito em breve, após os primeiros encontros de Rothenfels, essas visitas e reuniões multiplicaram-se. Ministrou, então, uma série de conferências que deram origem a outro livro famoso: *Vom Sinn der Kirche* [*O sentido da Igreja*]¹⁵. A primeira das cinco conferências começava com uma frase que logo se tornou célebre: «Teve início um processo religioso de importância incalculável: a Igreja ganha vida nas almas dos homens». Dessa forma, o movimento litúrgico estava imerso na experiência da realidade da Igreja e adquiria fundamento e profundidade. Anteriormente, os fiéis

tinham dificuldades em sentir-se comunidade na celebração litúrgica. A Igreja era vista sobretudo como instituição religiosa de caráter funcional e jurídico. A nova sensibilidade, por sua vez, fazia com que experimentassem a Igreja como comunidade que transcende e reúne os indivíduos. Trata-se da comunhão viva dos fiéis, do Corpo Místico de Cristo.

Os primeiros anos de Joseph

Na Alemanha e na Baviera, os anos 1920 não foram tempos tranquilos. A inflação crescia visivelmente, o país empobrecia e multiplicavam-se as agitações. Georg Ratzinger recorda: «À época, papai recebia seu salário diariamente, mas, tão logo tinha o dinheiro em mãos, já não valia mais nada, pois os preços haviam aumentado novamente»¹⁶. Joseph e Maria, no entanto, não se deixaram vencer pelo desânimo. Embora o salário de um oficial não permitisse desperdícios, o responsável pela delegacia de polícia era um dos notáveis da cidade, ao passo que Maria dava grande contribuição para o orçamento familiar, cultivando uma horta de que colhia verduras de todo tipo. Além disso, fazia tricô constantemente, tecendo boinas, suéteres, meias, echarpes e luvas. Por fim, com sua habilidade como cozinheira, também conseguia preparar um saboroso almoço a partir de ingredientes muito simples. Todas estas qualidades, combinadas com o bom humor, permitiam à família uma vida serena mesmo em tempos difíceis.

Outro alicerce sólido era a firme adesão de ambos os cônjuges ao catolicismo. O irmão Georg recorda: «Rezávamos juntos todos os dias antes e depois de cada refeição, pela manhã, ao meio-dia e à noite, mas sobretudo depois do almoço, quando expressávamos nossas petições particulares pela nossa família»¹⁷. Os pais estavam

convictos da ajuda de Deus nas alegrias e tristezas da vida e viviam a fé não isoladamente, mas no conjunto da vida da Igreja e da comunidade local. À época do casamento, o pároco lhes tinha dado um *Schott*. À época, o termo designava o missal para leigos, inicialmente editado pelo monge Anselm Schott, de Beuron, o grande mosteiro beneditino de Baden-Württemberg. Precursor do movimento litúrgico já em fins do século XIX, Schott havia publicado um missal para leigos cujo texto latino da liturgia era ladeado pela tradução alemã, a fim de que os fiéis pudessem participar da vida litúrgica da Igreja. Mais tarde, outras tentativas de missal para leigos receberam o nome do primeiro curador. Desde o princípio, portanto, a família Ratzinger viveu dentro do movimento litúrgico e eclesial que teve em Romano Guardini seu mais efetivo apoiador e arauto.

Em 1925, o gendarme Joseph Ratzinger foi transferido para Marktl am Inn, povoado com cerca de dois mil habitantes, quase todos católicos. Na praça do mercado, no número 11, existe ainda hoje uma grande casa construída em 1700 segundo o estilo típico do sul da Baviera. Foi ali, no primeiro andar, que a família Ratzinger foi morar, e foi ali também que, nas primeiras horas do dia 16 de abril de 1927, nasceu seu terceiro filho, Joseph Aloisius. O primeiro nome, como de costume na família, era o do pai; o segundo, que corresponde a Luís, lhe foi dado em homenagem a um tio que se tornara padre e adotara o nome do jovem jesuíta italiano São Luís Gonzaga.

O irmão Georg recorda:

Naquela noite, precisamente nas primeiras horas da manhã, vi-me subitamente em minha cama sem ninguém ao lado. Não me haviam chamado como de costume, mas escutei ruídos de movimentos agitados. As portas batiam, passos rápidos ecoavam pelo corredor, alguém falava em voz

alta. Quando reconheci meu pai, falei: «Papá, gostaria de me levantar!», mas ele respondeu: «Não, espere um pouco. Hoje nos chegou um garotinho»¹⁸.

Era Sábado Santo, mas havia neve e fazia muito frio. A ocasião, porém, era única: a liturgia pascal, com a bênção da água e a cerimônia do batismo, era celebrada já na manhã do Sábado Santo. Deixando na cama as crianças e a mãe, que ainda se restabelecia do parto, o pai foi imediatamente à igreja com o recém-nascido. O pequeno Joseph foi batizado, pois, na nova água benta, e o seu batismo, a exemplo de sua vida, estavam imersos na atmosfera pascal, naquelas horas em que, para os crentes, realiza-se a misteriosa passagem de Jesus da morte para a vida. Em suas memórias, o Papa Bento XVI comentará: «Pessoalmente, sempre fui grato pelo fato de minha vida ter estado, desde o início, assim imersa no Mistério Pascal, pois isso só poderia ser sinal de uma bênção»¹⁹.

De constituição bastante frágil, o pequeno Joseph viveu rodeado dos cuidados da mãe e dos vizinhos. O Papa confessa não se lembrar de nada do povoado natal, que logo teve de deixar, mas sublinhou sua proximidade com Altötting, o santuário mariano da região, para o qual a família e ele próprio costumavam peregrinar. Essa circunstância, no entanto, se presta a outra observação feita por um jornalista da *Süddeutsche Zeitung* quando da eleição de Bento XVI. Markt é localizada exatamente a meio caminho entre Braunau e Altötting, entre o céu e o inferno, entre o santuário da Virgem e o local de nascimento de Adolf Hitler, cuja sombra nefasta já começava a espalhar-se pela Alemanha. O pequeno Joseph não completara ainda dois anos quando se deu a primeira das muitas mudanças de casa da sua vida de criança.

A próxima parada foi Tittmoning, cidadezinha a cerca de vinte quilômetros ao sul, às margens do rio Salzach, cuja ponte

marca também a fronteira com a vizinha Áustria. É este o lugar de que o futuro Papa viria a recordar como «a cidade dos sonhos da minha infância»²⁰. Ficaram gravadas em sua memória a grande praça com fontes elegantes, a prefeitura luxuosa, as casas imponentes; entre elas, estava a destinada à família do chefe dos gendarmes, localizada no centro histórico e voltada diretamente para a praça. Indubitavelmente bela por sua localização, a casa não era ideal para a vida em família. O imóvel foi originalmente a residência dos cônegos da igreja colegiada local, mas agora necessitava de um trabalho urgente de restauração. O chão era bastante oco; as escadas de madeira, íngremes e rangentes. Quem fazia essas considerações, no entanto, era a mãe, forçada a mover-se num corredor e numa cozinha estreitos; para as crianças, tudo parecia misterioso – em especial o seu quarto de dormir, antes a antiga e bem espaçosa sala capitular.

Outra razão para o encanto de Tittmoning vinha de sua bela e antiga igreja, que em séculos anteriores estivera sob responsabilidade de cônegos seculares. Seu fundador, o místico e visionário Bartholomäus Holzhauser, foi autor de obras apocalípticas. Preservavam a memória dessa presença o nome pelo qual se designavam o pároco, o decano e os capelães: cônegos. Outra atração era a fortaleza do século XII que dominava a cidade e que foi, durante certo período do século XVII, residência de verão dos bispos de Salzburgo. Nas imediações está ainda o santuário mariano de Ponlach, ou Maria Brunn, para onde a mãe muitas vezes levava os três filhos por devoção à Virgem, mas também para um relaxante e salutar passeio nos bosques pelo caminho. A cidade ficava em posição elevada, e na parte baixa havia a mencionada ponte sobre o Salzach que constituía a fronteira com a Áustria. Era preciso pagar um pequeno pedágio ali, mas a mãe fizera amizade com a funcionária da fronteira, que muitas vezes fechava os olhos. Estava-se, assim, num país estrangeiro em que,

por outro lado, falava-se a mesma língua e o mesmo dialeto. No lindo povoado fronteiriço, Joseph também teve sua primeira experiência fora de casa. Enquanto sua irmã e seu irmão iam para a escola, ele foi matriculado na creche das damas inglesas, cuja diretora era uma freira pequena mas enérgica. Não se tratou, porém, de uma experiência alegre: o menor dos irmãos Ratzinger preferiria permanecer em casa com a mãe. De todo modo, o Papa viria a dizer anos depois que o esforço por se acostumar à vida comum lhe fizera bem. Foi em Tittmoning que o amor dos dois irmãos pela música despertou – amor prontamente secundado pelos pais. No povoado fronteiriço, Georg conheceu um senhor que possuía um harmônio e passou a frequentar sua casa para tocar aquele misterioso instrumento que o fascinava. No fim, quando a família, graças a um anúncio de jornal, já partia para um novo destino, Ratzinger pai comprou um harmônio usado para os dois filhos. Nasceu assim em Georg um amor que o levou a se tornar músico, e em Joseph um interesse que nunca minguou e que viria a ser cultivado com constância ao longo dos anos.

A ascensão do nazismo

No final dos anos 1920, a Alemanha era um país derrotado, empobrecido e dividido. O Tratado de Versalhes, que segundo os vencedores garantiria a ordem internacional, era considerado na Alemanha «um absurdo internacional», como bem escreveu Pacelli a Gasparri em 1920²¹. Em 1923, o governo francês comunicou ao alemão que desejava enviar à região do Ruhr uma missão de monitoramento, a fim de verificar a rigorosa aplicação dos programas de reparação estabelecidos em Versalhes. Após o levante espartaquista de 1919, a Baviera tornara-se o lugar de

refúgio das forças contrarrevolucionárias; ali, ademais, começara a dar os primeiros passos um certo Adolf Hitler, que queria fazer do *Land* meridional «um centro de renovação dentro do podre Reich marxista»²². A tentativa de insurreição iniciada numa cervejaria de Munique ao final de 1923 terminou com a prisão de Hitler, mas a semente nacional-socialista já fora lançada.

O ano seguinte, 1924, viu a assinatura da concordata entre a Baviera e a Santa Sé, por meio da qual se garantia aos católicos o ensino da religião nas escolas públicas, o reconhecimento das congregações religiosas como corporações de direito público e toda uma série de medidas favoráveis. Para os católicos, parecia o começo de um período mais positivo. Todavia, a crise econômica de 1929 logo pôs fim às ilusões. A inflação galopante e as repetidas greves contribuíram para exasperar os ânimos. Em 1930, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) recebeu seis milhões de votos nas eleições para o Parlamento. Não era ainda o primeiro partido do país, mas em breve o seria, graças ao fracasso dos últimos governos da República de Weimar, liderados por um expoente do Partido Católico – o chamado Centro (*Zentrum*) – que tinha por guia monsenhor Ludwig Kaas, amigo e colaborador do nuncio Pacelli.

Diante do avanço nazista, um número crescente de fiéis questionava se era lícito que os católicos ingressassem no partido, que era declaradamente anticlerical e anticatólico. O vigário-geral de Mainz respondeu negativamente a essa pergunta, e sua posição foi mais tarde corroborada pelo *L'Osservatore Romano*: «A associação ao Partido Nacional-Socialista é incompatível com a consciência católica»²³. Ainda mais importante nesse contexto é um pronunciamento da Conferência Episcopal bávara, presidida pelo Cardeal Michael von Faulhaber: falava-se ali de uma incompatibilidade fundamental entre o partido nazista e a fé cristã²⁴. Essas circunstâncias explicam o

fato de, nas fatídicas eleições de 1933, o Partido Nacional-Socialista ter registrado uma porcentagem menor de apoio nas circunscrições católicas da Baviera do que em outras regiões alemãs. Depois disso, no entanto, as autoridades do Vaticano e os bispos tiveram necessariamente de lidar com os nazistas, e as barreiras pouco a pouco cederam.

Os primeiros gestos da Chancelaria – por iniciativa de Franz von Papen, vice-chanceler católico de Hitler – foram imediatamente compreendidos pelo Vaticano. Havia o modelo da Itália, onde, alguns anos antes, fora assinada uma concordata para defender os interesses dos católicos diante de um partido-Estado autoritário; havia a concordata precedente com a Baviera, que tivera como artífice o núncio Pacelli, que recentemente se tornara secretário de Estado. No dia 23 de março de 1933, Hitler declarou que gostaria «muito de continuar e desenvolver as relações amigáveis com a Santa Sé»²⁵. Poucos dias depois, Cesare Orsenigo, núncio em Berlim, anunciava a Pacelli a chegada de Franz von Papen a Roma. Nesse ínterim, os líderes do Centro, que haviam votado em favor dos plenos poderes de Hitler em 23 de março de 1933, decidiram pela dissolução da sua organização política no dia 5 de julho daquele mesmo ano. O Partido Popular Bávaro o antecipara em apenas um dia.

Agia-se muito apressadamente? Era o que achavam alguns homens dados à política, como Benedikt Schmittmann, professor da Universidade de Colônia, que fora da Alemanha a Roma explicitamente a fim de advertir o secretário de Estado que havia conhecido na Alemanha. De modo especial, alguns bispos alemães partilhavam dessa certeza, entre eles o Cardeal von Faulhaber, que escreveu e entregou a Pacelli um memorando em que distinguia «o que deve ser elogiado» e «o que não deve sê-lo» no programa dos nazistas. A parte positiva (a referência ao cristianismo, o antibolchevismo) era, e muito, superada por aquela

negativa, isto é, pela propagação do ódio e da ideia de raça. Desse modo, e retomando as expressões da carta pastoral dos bispos alemães, von Faulhaber deixava claro que o cristianismo do qual falava Hitler nada tinha que ver com Cristo; antes, tratava-se de uma religião diferente, de uma visão de mundo (*Weltanschauung*) que de cristã só tinha o nome.

Em Roma, no entanto, que também recebia declarações com tons diferentes, a urgência em proteger os católicos parecia prevalecer. Escreveu, por exemplo, o bispo Conrad Gröber, de Friburgo: «Centenas de pessoas prestes a serem presas por razões de segurança pública, e que se encontram, portanto, em estado de grave perigo com suas famílias, agradeceriam sobremaneira à Santa Sé se pudessem ser poupadas de tal destino»²⁶. Foi precisamente isso o que levou o secretário Pacelli a apertar o passo, enquanto Pio XI, que a princípio fora o principal apoiador da iniciativa, começava a hesitar precisamente em razão da pressa excessiva²⁷.

De todo modo, a assinatura da concordata foi bem recebida em Roma – até mesmo porque os riscos ligados ao acordo pareciam ser evitados pelos acontecimentos, que se sucederam com tanta rapidez que justificaram também a pressa com a qual a assinatura se dera. A dissolução do partido do Centro, por decisão autônoma, parecia anular a disposição que impedia o clero de envolver-se em política, ao mesmo tempo que a concordata poderia tornar-se baluarte contra as tentativas dos nazistas de penetrarem no clero. A concordata, com efeito, garantia as associações e organizações católicas; sobretudo, protegia direitos e liberdades da Igreja no campo educacional. Porém, a exemplo do que havia acontecido na Itália, as disputas começaram logo depois da assinatura. Na Alemanha, a concordata foi apresentada como reconhecimento implícito do governo alemão; em Roma, por outro lado, o *L'Osservatore Romano* publicou um artigo que

excluía a ideia de que a concordata significava «o reconhecimento de certa corrente de doutrinas ou visões políticas»²⁸.

A tentativa de chegar a um *modus vivendi* não passou do verão de 1933. Os ataques violentos dos nazistas contra organizações católicas, contra grupos de jovens e contra o clero demonstraram amplamente o valor que as palavras e a assinatura da concordata tinham para aqueles homens. Por conseguinte, de modo especial na Baviera, o episcopado retornou à sua posição anterior, isto é, à clara condenação do regime. Distinguiu-se, mais uma vez, o Cardeal von Faulhaber, que levantou a voz, sobretudo em seus sermões de Advento, contra os repetidos ataques nazistas aos cristãos e judeus. Como já ocorrera na Itália, o principal campo de batalha tornou-se a manutenção de escolas católicas, contra as quais o regime se lançou nos anos 1935 a 1938.

A estratégia do gendarme

Entre os protagonistas do *Kulturkampf* – a luta entre Igreja e Estado na Alemanha e na Baviera em fins do século XIX – estava um tio do pai do futuro Papa: o Dr. Georg Ratzinger (1844-1899). Sacerdote e político, de 1875 a 1877 foi membro da Câmara dos Deputados do Conselho Regional; de 1877 a 1878, pertenceu ao Parlamento alemão. Novamente eleito para o Conselho Regional em 1893, permaneceu ali até a morte. Aluno conservador do famoso Ignaz von Döllinger – historiador da Igreja que aderiu aos veterocatólicos hostis ao reconhecimento da infalibilidade papal proclamada em 1870 no Concílio Vaticano I –, o Dr. Ratzinger levantava suspeitas tanto das autoridades políticas como das autoridades eclesiásticas. Não podendo, portanto, apostar numa carreira acadêmica, dedicou-se ao jornalismo católico com caráter social e se entregou

à atividade política. Seu texto mais famoso é a *História do cuidado dos pobres por parte da Igreja*.

Entre suas obras, no entanto, parece que há também escritos antisemitas que publicou sob pseudônimo. Desses textos, todavia, nem o sobrinho nem os sobrinhos-netos tinham ciência²⁹. O Dr. Ratzinger criticou a ambição da Prússia de tornar-se uma grande potência e intuiu que o militarismo traria consequências terríveis. De acordo com os ensinamentos do tio, o gendarme Joseph se opunha à política de incluir a Baviera numa federação liderada pela Prússia, preferindo um acordo com a Áustria e, em especial, com a França. Como agente da ordem em Tittmoning e observador da política bávara e nacional, era-lhe possível compreender o que, na década de 1930, vinha acontecendo na Alemanha e em torno dele e sua família. Com efeito, costumava ler o jornal de Munique, o *Münchener Tagblatt*, que era simpático ao Partido Popular Católico e se opunha aos nazistas.

Foi também leitor do periódico *Der gerade Weg* (isto é, «O caminho reto»), porta-voz dos católicos engajados na política. Fritz Gerlich, chefe de redação, escreveu já em 1932: «O nacional-socialismo é uma praga [...]. Significa: hostilidade para com os países vizinhos, ditadura interna, guerra civil e popular. É sinônimo de mentira, ódio, fratricídio, de grandes dificuldades»³⁰. Parece até supérfluo acrescentar que, após a tomada do poder, ele foi espancado, torturado e, por fim, enviado a Dachau, onde morreu.

Ratzinger, o pai, também sabia que em Munique o regime começara a reunir forças para tomar o poder. Mais de uma vez, teve de intervir para proteger gente indefesa dos ataques dos bandos que apoiavam Hitler e a grande Alemanha. Foi precisamente por essas intervenções que, em Tittmoning, tornou-se conhecido como aguerrido antinazista. Como sempre há aque-

les que esperam o momento oportuno para acertar as contas, seus superiores sugeriram que mudasse de ambiente, o que foi aceito de bom grado. Segue-se então nova transferência, agora em meados de dezembro de 1932: de Tittmoning a Aschau – de uma cidadezinha na fronteira com a Áustria até um povoado sobre o rio Inn.

Em suas memórias, Bento XVI não esconde ter se decepcionado um pouco com aquele povoado fundamentalmente camponês, que tinha numa cervejaria e em duas pousadas seus únicos pontos de encontro e cuja bela igreja local não chegava aos pés da basílica de Tittmoning. Por outro lado, a acomodação do chefe da delegacia e sua família – que passaram a habitar um chalé de propriedade de um fazendeiro rico que o alugara para a gendarmaria – era moderna para a época e claramente superior à residência de Tittmoning. No térreo encontravam-se os escritórios; no primeiro andar, o lar, enfim confortável, dos Ratzinger. Havia, ademais, um jardim que chamou imediatamente a atenção de Maria. Segundo um velho costume, a família imediatamente apresentou-se ao pároco Alois Igl, que tinha por ajudante Georg Rinser, tio da escritora Luise. Igl era um homem muito bom e acolhedor, e o mesmo se poderia dizer da sua governanta, que sempre tinha presentes para os visitantes. Os irmãos Ratzinger também passaram a visitá-la com alguma frequência. Alguns dias depois, o harmônio comprado em Tittmoning chegou afinal: Georg e Joseph passavam muito tempo nele, exercitando-se com gosto. Georg, em particular, logo mostrou-se dotado de um talento musical notável, começando a tocar na igreja com apenas dez anos.

Logo após a chegada da família a Aschau, Hitler assumiu o poder. Ratzinger pai reagiu às notícias de maneira bem pessoal: mostrou-se curioso, mas sensato. Disse aos seus parentes: «A guerra estourará em breve. Precisamos de uma casa». E, de

fato, naquele mesmo ano adquiriu, com as economias de uma vida inteira, uma casa em Hufschlag, perto de Traunstein; em seguida, tomou as medidas necessárias para reformar o imóvel e se aposentar o quanto antes. Quase nessa mesma época, o filho mais novo, Joseph, deu início a seu processo de escolarização. Uma foto da época descreve a situação da melhor maneira possível. As crianças nos bancos, voltadas para a câmera fotográfica, dão as costas para a professora; por trás dela, na lousa, vemos as primeiras somas e um exercício de leitura; no centro da parede há um crucifixo e, ao lado, duas fotos: uma de Hindenburg, chefe de Estado, e outra de Hitler, chefe do governo.

Segundo o Papa, para as crianças a vida continuava quase inalterada, centrada no ciclo escolar e ainda permeada pelo espírito e ensinamento católicos. Naturalmente, havia professores, sobretudo os mais jovens, que se tinham aliado aos nazistas e, de vez em quando, propunham iniciativas destinadas a mudar as tradições da cidade. Um jovem professor nazista organizou, por exemplo, certo festival de maio que deveria marcar o início da renovação da religião germânica. Fez, então, que levantassem um poste e ali pendurassem algumas salsichas, ao que leu uma prece composta por ele mesmo e declarou iniciada a competição. Os camponeses, no entanto, apenas riam de iniciativas assim, e os jovens pareciam mais interessados no prêmio comestível do que em qualquer outra coisa.

Uma profundidade muito diferente vinha revelada pelo ano litúrgico, que conferia ao tempo um ritmo próprio, o sentido de um caminho repleto de significado e promessas. O Natal e a Páscoa eram os alicerces em torno dos quais giravam os tempos da vida e do crescimento. A principal ocupação dos jovens era a escola, na qual o estudo vinha acompanhado de uma progressiva imersão na vida litúrgica. Joseph, de modo especial, já

em seus primeiros anos, recebeu dos pais um *Schott* ilustrado com desenhos que o ajudavam a entender cada gesto e as principais ações litúrgicas. Esse primeiro livro foi então substituído, por ocasião da preparação para a primeira comunhão em 1936, por um *Schott* novo, no qual cada parte da liturgia era explicada e sintetizada. Vieram depois o *Schott* para o domingo e, por fim, o Missal Cotidiano completo. «Era uma aventura fascinante penetrar aos poucos no misterioso mundo da liturgia, que acontecia lá, no altar, diante de nós e para nós [...]. Esse misterioso entrelaçamento de textos e ações crescera ao longo dos séculos a partir da fé da Igreja»³¹. O fascínio pela liturgia se transformava, então, numa atração pela vida sacerdotal que se manifestava também no uso lúdico de alguns objetos devocionais em miniatura: pequenos cálices, velas, castiçais... Com o passar dos anos, pois, não faltaram sinais a marcar a memória e a imaginação daquele menino. O primeiro diz respeito a um lugar: o santuário mariano de Altötting, o coração católico da Baviera. Na praça principal encontra-se a *Gnadenkapelle*, a Capela das Graças, na qual se venera a miraculosa estátua da Virgem Negra. Bernard Lecomte, ex-vaticanista do *Le Monde*, estabeleceu um paralelo entre Kalwaria Zebrzydowska e Altötting, dois santuários marianos em que uma Virgem negra é venerada. O primeiro foi frequentado por Karol Wojtyła e seu pai; o segundo, pelo pequeno Joseph e sua família — dois papas subsequentes e chamados da Europa Central, na delicada passagem do segundo ao terceiro milênio, para pacificar seus respectivos países e todo o continente³².

Joseph, em particular, esteve em Altötting no ano de 1934, por ocasião da canonização de Frei Conrado, humilde frade que nascera em Parzham, perto de Passau, no dia 22 de dezembro de 1818. Órfão de pai e mãe desde muito cedo, o jovem não caiu na amargura; pelo contrário, manteve a mansidão e o amor

pela natureza. Sempre que podia, recolhia-se em oração, e aos 18 anos procurou ingressar na escola secundária gerida pelos beneditinos de Metten, no intuito de fazer-se sacerdote. Incapaz de sair-se bem nos estudos, teve de retornar à vida de camponês. Em 1841, tornou-se irmão leigo dos capuchinhos de Altötting, onde professou os votos e passou o resto da vida realizando o humilde serviço de porteiro. Sorridente e sempre com o terço na mão, distribuía aos peregrinos, aos pobres e às crianças ajuda espiritual e material. Morreu em 1894, três anos antes da principal expoente da «infância espiritual»: Santa Teresa do Menino Jesus, tão querida àquela França que viria a ser atacada pelos nazistas. Pio XI, por proposta do Cardeal Pacelli, beatificou e canonizou Frei Conrado, na convicção de que a fé dos simples era o melhor antídoto contra o culto da violência fomentado e praticado pelo nazismo.

Com efeito, em meados dos anos 1930, os sinais que o pequeno Joseph observava na vida cotidiana não falavam de paz. Até mesmo numa cidade tão remota quanto Aschau havia nazistas convictos. Ali introduziu-se a *Hitlerjugend*, organização juvenil que devia ensinar aos estudantes o espírito dos novos dominadores. Também os irmãos de Joseph – Maria, que em 1935 tinha 14 anos, e Georg, com 11 – tinham de usar a camisa marrom e marchar pelas ruas do povoado pela glória da nova Alemanha. Ratzinger, o pai, percebia muito bem o perigo que essas manifestações de violência e ódio representavam às jovens consciências e protestava, acusando Hitler de ser um vagabundo, um canalha responsável por levar a Alemanha à ruína. Outro sinal perturbador veio da construção de um farol em Winterberg, colina que se ergue sobre o povoado. «À noite, quando cortava o céu com a sua luz ofuscante, afigurava-se para nós como o lampejo de um perigo que não se sabia ainda como chamar»³³.

No seminário

Joseph pai estava cada vez mais certo de que a guerra era iminente. Fazia-se necessário, portanto, renunciar o quanto antes a um trabalho com tanta exposição como o policial. Por ele, ter-se-ia demitido no dia mesmo em que Hitler assumira o poder, mas a liquidação de alguns milhares de marcos, que só se dava após a idade mínima de serviço, era indispensável para completar a compra da casa. Ele resistiu, portanto, até completar 60 anos, quando pediu demissão e a família mudou-se para Hufschlag. Comprada havia alguns anos, a casa, localizada em local estratégico, a cerca de quinze quilômetros do lago Chiem, na estrada para Tittmoning, já estava pronta. Sobretudo, ficava perto de Traunstein, onde se encontrava o seminário arquiépiscopal São Miguel; nele já ingressara Georg, o primeiro dos dois irmãos Ratzinger.

A família chegou ao seu destino de manhã, no início de abril de 1937, quando a natureza florida se mostrava verdadeiramente encantadora. Vale a pena mencionar, aqui, um trecho das memórias do futuro pontífice que ainda transmite o entusiasmo daquele jovem: «As condições em que recebêramos a casa havia causado a meu pai não poucas preocupações, mas para nós, crianças, tratava-se de um paraíso que não poderíamos imaginar mais belo. [...] Ali, depois de muito vagar, finalmente encontramos um lugar onde nos sentíamos em casa; para lá minha memória geralmente retorna com gratidão»³⁴.

A estrutura daquela velha casa de campo, construída em estilo salzburguense no ano de 1726, era muito simples: na parte da frente estavam os locais transformados em domicílio; na parte de trás, um celeiro e uma área para a armazenagem de lenha e feno. Nela, o pequeno Joseph gostava de refugiar-se junto a um gato. O telhado estava coberto de tábuas de madeira, sobre as

quais se colocavam pedras para evitar que o vento as arrancasse. A construção ficava no meio de um terreno de cerca de três mil metros quadrados e tinha dois jardins, um na frente e outro atrás. Na frente, uma pequena fonte garantia a água da família e dava ao conjunto um toque de poesia, de lugar encantado. Ali Maria plantou uma horta de onde tirava especiarias e verduras para toda a família. Na parte de trás havia ainda árvores frutíferas: macieiras, ameixeiras e cerejeiras.

A chegada em Hufschlag também representou uma mudança séria na vida de Joseph, que aos 10 anos já havia concluído o primário e estava prestes a ingressar na escola secundária. À época, o ano letivo alemão se dividia em três partes: começava na primavera e terminava nos meses de verão; era retomado em setembro e ia até o Natal; depois das festas natalinas, continuava até março³⁵. Logo após sua chegada, portanto, Joseph teve de frequentar a escola. Em acordo com o pai, e seguindo o exemplo do irmão, que ingressara no seminário de Traunstein e frequentava o ginásio humanístico, matriculou-se no mesmo ginásio. Aquele foi o último ano do antigo sistema, que previa a divisão entre ginásio científico e ginásio humanístico. No ano seguinte, os nazistas introduziram uma reforma escolar que unificava ambos. Também foram suprimidos o ensino do grego e da religião, enquanto se dava mais espaço às disciplinas científicas e às línguas modernas.

Já em criança Ratzinger mostrava-se satisfeito em poder seguir o antigo ordenamento. Além disso, nos dois primeiros anos, continuou a morar em casa. Todas as manhãs, chegava à escola após uma caminhada de meia hora que lhe permitia admirar a natureza e, ao mesmo tempo, repassar o que havia estudado à tarde ou de manhã cedo. Poucos meses depois de chegar a Hufschlag, em 9 de junho de 1937, quando tinha 10 anos e alguns meses, Joseph recebeu o sacramento da Confirmação das

mãos do Cardeal Faulhaber. Aquele foi um encontro que tocou enormemente o jovem, que sempre conservará uma grata recordação do grande cardeal.

Não obstante as crescentes preocupações que a política, sempre mais ameaçadora, causava a seu pai, os dois anos em que Joseph frequentou as primeiras aulas do secundário como externo foram um tempo de serenidade e de crescimento. Na escola, podia confrontar-se com o latim e o grego, duas línguas que lhe revelaram um mundo cultural e civilizacional rico e fascinante, que o manteve longe das falsas ilusões do regime³⁶. Em casa, por sua vez, podia desfrutar plenamente dos pais – de uma mãe sempre prestativa e generosa e de um pai que aos poucos se abria com seu caçula e o acompanhava em longos passeios pelos bosques, contando-lhe tanto histórias de sua vida como relatos fantasiosos dotados de grande sabedoria humana e cristã. A única dificuldade de certo relevo eram as aulas de educação física, pelas quais Joseph, o menor da turma e um dos menores de toda a escola, não sentia qualquer atração. Muito melhores eram os passeios pelos bosques ou as peregrinações com os pais para os muitos santuários marianos da região.

Em 1939, no entanto, uma mudança importante aconteceu. O pároco Stefan Blum, de Haslach, que tinha jurisdição também sobre Hufschlag e verificara a vontade do mais jovem dos Ratzinger de começar o caminho rumo à vida sacerdotal, recomendou que o jovem, então com 12 anos, ingressasse o quanto antes no seminário. A razão por trás dessa recomendação era o recrudescimento dos choques entre a Igreja e o nazismo. O jovem Joseph não se opunha à entrada no seminário porque seu irmão morava ali havia quatro anos e falava-lhe favoravelmente do local. Além disso, quando visitou Georg, conheceu outros seminaristas e fez amizade com alguns deles. Para a família, por outro lado, tratava-se de um sacrifício econômico de não pouca

importância, uma vez que a pequena pensão do pai não bastava para pagar a mensalidade dos dois filhos. Todavia, naquele mesmo ano, a irmã mais velha, Maria, terminou a escola e começou a trabalhar numa grande loja de Traunstein. Também a mãe tinha voltado a trabalhar, conseguindo um emprego de cozinheira num hotel de Reit im Winkl durante o verão. E, assim, a generosidade das duas mulheres da família permitiu que também o mais novo dos irmãos Ratzinger ingressasse no seminário.

A solicitação de admissão de Joseph, que nesse íterim frequentava a segunda turma do secundário com sucesso, foi encaminhada pelo pai em 4 de março de 1939. Vinha acompanhada de um atestado do diretor espiritual do liceu, Hubert Pöhlein, segundo o qual Joseph era um menino bom, diligente e confiável, que participava das aulas com constante interesse. Da sua parte, o médico, o Dr. Paul Kellner, declarava que o menino gozava de boa saúde, não obstante estivesse um pouco abaixo do peso. Juntamente com o pedido de admissão, solicitava-se redução nas taxas escolares, uma vez que o irmão de Joseph já frequentava o seminário e as condições da família não eram tão prósperas. A resposta favorável à admissão chegou já antes do final de março, bem como o consentimento à redução da mensalidade, que geralmente era concedida com relativa indulgência: em 1938-39, apenas onze alunos pagavam a mensalidade integral; os outros 123 tinham descontos de acordo com suas necessidades³⁷. Para o Cardeal Faulhaber, ninguém deveria renunciar ao sacerdócio por motivos econômicos, e isso reforçava nos alunos e pais o sentimento de gratidão³⁸. O ingresso oficial de Joseph no seminário ocorreu no dia 16 de abril de 1939, logo após a Páscoa.

Fundado em 1929 por vontade do Cardeal Faulhaber, que desejava ver crescer o número de vocações ao sacerdócio, o seminário de Traunstein era um edifício imponente frequentado,

ao final dos anos 1930, por cerca de 150 jovens. Concebido para acolher aspirantes à vida sacerdotal provenientes das famílias de camponeses ou pequenos comerciantes, oferecia aos jovens a possibilidade de uma boa formação humana e cultural. Por isso, não recebeu o nome de «seminário menor», mas de «seminário de estudos», e desde o princípio esteve dotado de inúmeras instalações esportivas. Desde as origens até 1956, o seminário de Traunstein teve por reitor o sacerdote Johann Evangelist Mair, homem severo, mas paternal³⁹. Ele tinha por ajudantes alguns professores responsáveis pela disciplina e pelo estudo.

De acordo com os rigorosos hábitos da época, o dia começava às 5h20 com o toque de despertar e vinte minutos de higiene pessoal. Às 5h40, todos tinham de estar na igreja para assistir à Missa. Seguiu-se a recitação das Matinas até as 7h10, quando se consumia um leve café da manhã. Depois de preparado o material, todos iam para a escola. As aulas começavam às 8h00 na escola humanística, que Joseph já conhecia por tê-la frequentado nos dois anos anteriores. O professor de latim era um filólogo clássico que tinha um filho sacerdote e mostrava, portanto, boa disposição para com os seminaristas – como, aliás, a maioria dos professores. Após o meio-dia, retornava-se ao seminário para o almoço; em seguida, quando fazia bom tempo, os estudantes iam para o campo esportivo⁴⁰. Segundo as novas diretrizes no âmbito da educação física, era necessário dedicar pelo menos duas horas por dia ao esporte. Para Joseph, tratava-se de uma verdadeira tortura, difícil de esquecer⁴¹.

Às 15h00 recomçavam os estudos, que duravam até as 19h00, com intervalo para um lanche. Às 19h00 era o jantar, seguido de meia hora de tempo livre, na qual os jovens participavam de jogos em comum ou até mesmo se dedicavam à conversação ou à leitura. Uma característica particular do seminário de Traunstein era a atenção dada à educação musical, para a

qual, como sabemos, os dois irmãos Ratzinger sentiam-se bastante inclinados. No seminário, portanto, puderam dar seguimento a essa paixão comum. Às 20h05 tinham início os quinze minutos de leitura espiritual, enquanto às 20h20 se recitava a oração da noite. Pelas 21h00, em silêncio e enfileirados, os estudantes seguiam para os dormitórios, que eram grandes, com espaço para 42 camas. No corredor, cada aluno tinha seu armário, onde guardava seus objetos pessoais. Do mesmo modo, na sala de estudos, o jovem possuía uma escrivaninha própria com os livros, os cadernos e os outros materiais necessários para a atividade escolar. Tratava-se de um ambiente rigoroso, que preparava para o estudo e para a vida.

A permanência de Joseph no seminário, contudo, não duraria muito. De início, o seminário recebeu o apoio da população e das autoridades locais, mas com o advento do nazismo a atmosfera mudou rapidamente. Retirou-se todo tipo de apoio por parte do Estado, e Traunstein se viu numa situação econômica muito difícil. Em 1936, o Ministério da Educação e da Cultura da Baviera passou para as mãos de Adolf Wagner, nazista feroz que conhecia Hitler pessoalmente e, portanto, era poderoso e temido dentro do partido. Wagner promulgou uma legislação cada vez mais restritiva contra os seminários, favorecendo denúncias contra os professores católicos mais convictos, que tinham, quando acusados, de renunciar aos seus cargos ou ser transferidos de ofício. Além disso, já antecipando o começo da guerra, desencadeou uma política de confisco dos seminários e outros estabelecimentos eclesiais. Também Traunstein caiu sob o seu machado.

Aquele edifício moderno, com salas grandes, cozinha ampla e clínica de saúde, representava uma oportunidade assaz atraente. Foi, portanto, requisitado como local de atendimento já no início da guerra, em setembro de 1939. Portanto, já no ano

escolar seguinte Ratzinger voltou a frequentar a escola como externo. A partir daquele momento, iniciou-se uma acirrada luta entre as autoridades do Estado e as da Igreja – uma luta que, em várias ocasiões, levou a confiscos do edifício e a novas restituições. Também a presença de Joseph no seminário ficou marcada por essas constantes mudanças. Depois de começar o ano de casa, em 18 de novembro de 1940, os seminaristas, incluindo Ratzinger, foram alojados na estância termal de Traunstein, a qual tiveram de abandonar em 1º de abril de 1940 para voltar a frequentar a escola de casa.

No ano letivo seguinte, eles puderam voltar ao seminário, mas já em 12 de dezembro foram enviados para Sparz, ao instituto das irmãs de Loreto. No outono de 1941, todo e qualquer lugar adequado para recebê-los fora confiscado, e os irmãos Ratzinger tiveram de voltar a frequentar a escola de casa.

A luta pela sobrevivência do seminário, que passou por várias fases, veio acompanhada pela luta contra a adesão à Juventude Hitlerista, a *Hitlerjugend*. Estabelecida imediatamente após a ascensão dos nazistas, a filiação à organização juvenil tornou-se progressivamente obrigatória para os jovens alemães. Até 1939, os seminaristas estiveram isentos dessa obrigação, mas, com a eclosão da guerra, a matrícula se fez compulsória. Para evitar possíveis motivos de retaliação, a partir daquele ano, o reitor do seminário passou a matricular em grupo os seminaristas à juventude hitleriana – não, porém, como voluntários, mas como recrutas.

À época, o jovem Ratzinger ainda não completara 14 anos, de modo que estava isento da obrigação. O problema apresentou-se precisamente quando completou essa idade. Em 1941, portanto, foi inscrito na *Hitlerjugend* pelos superiores do seminário. Não há nenhum documento nos arquivos a esse respeito; no entanto, o contexto e o testemunho do próprio pontífice⁴² nos levam a pensar que foi de fato inscrito na organização pelos supe-

riores⁴³. No geral, o período que Ratzinger passou no seminário foi bastante curto: cerca de dois anos, entre 1939 a 1941 – primeiro, no seminário de estudos de Traunstein; depois, na estância termal dali; e, por fim, em Sparz, com as irmãs de Loreto.

Apesar das dificuldades iniciais e das contínuas mudanças de um lugar para outro, Ratzinger faz um julgamento positivo de sua experiência no seminário, onde aprendeu a se adaptar à vida comum e a viver em comunidade com os outros. «Sou grato por esta experiência. Foi importante para a minha vida»⁴⁴.

Rumo ao conflito mundial

O nazismo apresentava-se com raízes doutrinárias dotadas de fortes componentes anticatólicos, em especial no campo da moral, da teoria do Estado e do nacionalismo. A disposição de Hitler em assinar a concordata, o inimigo comum no comunismo e a influência que o nazismo exercia sobre o povo – em parte também sobre os católicos, que no governo eram representados por von Papen – suscitaram na Santa Sé e no episcopado alemão uma atitude inicialmente cautelosa. Com o passar dos anos, no entanto – e diante das flagrantes violações da concordata – cresceu em Pio XI e seus colaboradores a convicção de que aquele regime era profundamente incompatível com a fé. A partir daí, concebeu-se a ideia de uma encíclica, a *Mit brennender Sorge*. Em virtude da sua dura condenação ao nazismo e da forma como foi apresentada na Alemanha – foi impressa e lida do púlpito nas igrejas do país –, ela representou um verdadeiro desafio ao regime. Os nazistas sentiram o golpe, mas não mudaram seus princípios nem seu comportamento. Pelo contrário: internamente, Hitler respondeu com medidas restritivas contra as escolas católicas, enquanto na política externa aproximou-se

de Mussolini – uma aproximação que no Vaticano era considerada hostil e perigosa.

Em março de 1939, entretanto, Pio XI foi sucedido por Pio XII, secretário de Estado e antigo núncio na Alemanha, para tentar salvar a paz e evitar a guerra. A isso ele dedicou toda a primeira parte de seu pontificado. A expressão contida no apelo aos governantes e ao povo em 24 de agosto de 1939 – «Nada se perde com a paz. Tudo pode ser perdido com a guerra» – define bem o propósito do seu trabalho. No entanto, chama a atenção a desproporção entre o fim desejado e as reais possibilidades de influência por parte da Santa Sé. O *Führer*, de fato, acreditava já ter chegado a hora de iniciar a política de expansão europeia que estivera em seus planos desde o princípio, e certamente não se via disposto a renunciar a isso por causa do apelo do Papa. Já em 1933, com a chegada dos nazistas ao poder, a questão dos Sudetos na Tchecoslováquia, onde havia considerável minoria alemã, tornou-se uma das principais obsessões de Hitler.

Ao longo do ano de 1938, as pressões alemãs ficaram cada vez mais fortes. No final de setembro, realizou-se em Munique uma conferência, patrocinada por Mussolini, em que os governos do Reino Unido e da França, a fim de evitar a guerra, buscaram a conciliação e aconselharam Edvard Beneš, presidente da Tchecoslováquia, a aceitar as exigências de Hitler. Hitler falava em proteger a minoria alemã, mas a verdade é que buscava invadir o país vizinho. Não obstante os acordos de Munique, as tropas alemãs ocuparam a Tchecoslováquia em 15 de março de 1939, e no dia seguinte Hitler foi a Praga a fim de proclamar o protetorado da Boêmia e da Morávia.

E o ditador nazista não tinha qualquer intenção de parar. No final de agosto, após um infeliz pacto com a União Soviética, teve início a invasão da Polônia. A guerra tão temida por Joseph pai e por toda a família Ratzinger tornou-se realidade. Não ha-

via nada a fazer além de tentar salvar a própria vida, a própria dignidade e a própria fé. De todo modo, uma consequência não prejudicial da guerra, para os dois irmãos, foi a possibilidade de intensificar a paixão pela música. Como resultado do *Anschluss*, tornou-se mais fácil chegar à cidade vizinha de Salzburgo, onde os concertos de Mozart continuavam, enquanto os preços haviam abaixado devido à redução do influxo de estrangeiros.

Em 1941, em particular, comemorou-se o 150º aniversário de morte do grande músico. Percorrendo a distância de Traunstein a Salzburgo de bicicleta, os dois jovens Ratzinger puderam ouvir alguns concertos extraordinários. Escreveu Georg: «Pela primeira vez em nossas vidas, pudemos assistir a uma interpretação de verdadeiras obras-primas. [...] Creio que ainda hoje Mozart seja o compositor preferido do meu irmão»⁴⁵.

O ano de 1940 marcou o triunfo dos nazistas, com a ocupação da Dinamarca e da Noruega e a invasão de Bélgica, Holanda, Luxemburgo e França; por outro lado, também a Itália decidiu participar do conflito, estendendo sua frente bélica à Grécia e aos Bálcãs.

Na Alemanha, onde os adversários foram forçados ao silêncio, respirava-se uma calma quase irreal. Joseph tornou-se um leitor cada vez mais fervoroso. Entre seus autores favoritos estavam dois escritores alemães do século XIX: Theodor Storm, dos quais leu *O cavaleiro do cavalo branco* e outras novelas, e Eduard Mörike, que o emocionou com sua *Viagem de Mozart a Praga*. Quase naturalmente, apaixonou-se depois por Goethe, por sua paixão pelo classicismo e sua alegria de viver. A solidão da guerra favoreceu nele, ainda, o gosto pela escrita e pela poesia, em que encontravam expressão tanto seu amor pela natureza quanto seu entusiasmo pela liturgia. Joseph começou a traduzir do latim e do grego certos textos litúrgicos e arriscou, também, algumas composições sacras.

Em 1941, o conflito espalhou-se ainda mais com o ataque à União Soviética e a subsequente intervenção militar dos EUA. Agora, também a Alemanha era provada pela guerra, com a introdução do cartão de racionamento e a chegada, sempre crescente, de feridos que vinham de diferentes frentes. As sombrias previsões de Joseph pai estavam se tornando realidade. Nem as vitórias externas nem os discursos inflamados do ditador podiam esconder todo o horror pelo que acontecia também dentro do país. Muitos falavam sobre amigos e parentes perdidos, e a própria família Ratzinger foi atingida por um luto inexplicável. Um primo de Joseph, filho de uma tia por parte de mãe, que tinha síndrome de Down; era-lhe apenas alguns meses mais novo. Certa feita, os nazistas vieram buscá-lo em casa, e tempos depois chegou o aviso de que o jovem havia morrido⁴⁶. Do mesmo modo, uma conhecida da família, a senhora Westenthanner, bastante popular em Aschau, cedeu gradualmente à loucura após a morte do marido. Foi então levada, sob a custódia de alguns funcionários do Estado, para Linz, onde, segundo o anúncio oficial, acabou por morrer. Todos, no entanto, sabiam que ela havia sido assassinada.

Georg Ratzinger registrou: «Todos sabiam que os doentes mentais, ou aqueles que fossem assim considerados, tidos como inúteis para a sociedade, eram ali reunidos para serem assassinados»⁴⁷. Tratava-se de uma série de crimes que se somava aos delitos cometidos durante aquela guerra que estava longe de ver seu fim.

Joseph vai para a guerra

No verão de 1942, o pesadelo da guerra aproximou-se da família Ratzinger. Georg, que tinha então 18 anos e se preparava

para a vida adulta, foi chamado para realizar o dito «serviço de trabalho obrigatório». Com seu pelotão, teve de ir a Wartenberg am Roll, na região dos Sudetos, a fim de construir um campo esportivo. Essa experiência infeliz representava sobretudo uma triste preparação para o chamado às armas, que ocorreu no final do ano. Posteriormente, Georg teve de participar da guerra na Holanda, na Itália – em La Spezia e, depois, em Monte Cassino, após a famosa abadia ter sido bombardeada pelos aliados –, em Praga e, mais uma vez, na Itália, dessa vez perto de Bolonha, onde foi ferido.

A hora de Joseph chegou em 1943, quando os triunfos bélicos dos dois primeiros anos de guerra não passavam de uma lembrança distante. Necessitados de soldados numa frente cada vez maior, os nazistas acreditavam que os estudantes que já viviam juntos, longe de casa, poderiam continuar seus estudos em sedes escolares localizadas perto da Flak, a bateria antiaérea. Os seminaristas de Traunstein nascidos em 1926 e 1927, de modo particular, tornaram-se parte dos serviços de defesa de Munique. Moravam em casernas com os soldados regulares, usavam os mesmos uniformes e executavam mais ou menos as mesmas tarefas. Além disso, podiam acompanhar certo número de aulas ministradas pelos professores do Maximilian Gymnasium de Munique, cujos alunos constituíam a maioria dos estudantes recrutados.

O então Cardeal Ratzinger recordaria em seu primeiro livro-entrevista com Peter Seewald: «Eu tinha dezesseis anos. Com todo o meu grupo, trabalhamos por mais de um ano, de agosto de 1943 a setembro de 1944. Fomos designados ao Maximilian Gymnasium. As matérias eram abreviadas, mas conseguíamos frequentar um número suficiente de aulas. Por um lado, certamente tudo aquilo não era motivo de alegria, mas, por outro, a camaradagem daqueles dias também tinha seu encanto»⁴⁸.

O primeiro destino do grupo foi Ludwigsfeld, ao norte de Munique. Ali os estudantes tinham de garantir a defesa aérea de uma sucursal da BMW que produzia motores de aeronaves. Na mesma entrevista a Seewald, recordou-se ainda o Cardeal Ratzinger:

Cada bateria era composta de dois elementos essenciais: o canhão e o sistema de medição. Eu fazia parte do setor de medição. Já existiam os primeiros instrumentos óticos e eletrônicos para localizar os aviões que se aproximavam e transmitir os dados para as peças de artilharia. Além disso, para os exercícios regulares, tínhamos de estar a postos sempre que o alarme soasse. Isso obviamente não era nada agradável, uma vez que havia ataques noturnos cada vez mais frequentes e muitas noites eram completamente arruinadas⁴⁹.

Os jovens seminaristas foram sucessivamente transferidos para Unterföhring, para Innsbruck e, finalmente, para Gilching. Foi uma época difícil para Joseph, que, tão jovem e avesso à vida militar, via-se forçado à guerra. Ele tentou adaptar-se da melhor maneira possível à situação: conseguiu assumir os serviços de reconhecimento e, depois, os telefônicos; usava, ademais, cada momento livre para ler e estudar, e não tinha medo de declarar que, quando adulto, queria ordenar-se sacerdote. No fim, ganhou a estima e o respeito de todos. Após um ano de peregrinação entre a Alemanha e a Áustria, os estudantes foram dispensados da Flak em setembro de 1944.

Quando Joseph chegou em casa, no entanto, esperava-o a convocação para o serviço de trabalho obrigatório do Reich. Depois de uma viagem interminável na caçamba de um caminhão, ele chegou à região austríaca de Burgenland, a sudeste de Viena. Entre os numerosos jovens convocados para construir a mura-

lha sudeste, cujo objetivo era deter o avanço das tropas soviéticas, havia vários companheiros do ginásio de Traunstein. Joseph pôde, portanto, confraternizar com amigos e conhecidos. Todavia, não obstante os encantos da natureza, aqueles dois meses em Burgenland foram dos mais difíceis de sua participação na guerra. De fato, os oficiais que lideravam o trabalho provinham em grande parte da chamada «legião austríaca»; eram, pois, nazistas da primeira hora, membros ideologizados da SS que haviam recrutado os jovens por meio de toda sorte de abusos. Certa noite, acordaram os rapazes, exaustos pelo cansaço e pelos maus-tratos, e submeteram-nos a uma espécie de interrogatório. Solicitavam dados aparentemente genéricos, com os quais tentavam, na verdade, identificar possíveis recrutas a serem alistados na SS, cujos números, como o dos soldados, começavam a diminuir. Quando chegou sua vez de declarar seus estudos e a profissão que pretendia seguir na vida, Joseph anunciou abertamente que queria ser sacerdote. Foi coberto de insultos e piadas, mas felizmente não sofreu nenhuma pressão para ingressar na SS.

Havia, além disso, o exercício com a pá, o chamado *Spatenappel*, que possuía até algo de religioso, sagrado. A pá não só tinha de estar perfeitamente limpa, mas também devia ser empunhada, levantada e carregada da forma correta, no compasso. Em suma, os meninos eram soldados com uma pá e cada vez, antes e depois do trabalho, tinham de realizar uma espécie de paraliturgia. Tudo isso desapareceu quando o fronte se fez mais próxima e a vizinha Hungria, em cujas fronteiras os jovens se encontravam, caiu miseravelmente. De repente, a pá perdeu seu valor sagrado e tornou-se uma ferramenta de trabalho normal, do dia a dia. Esse foi mais um sinal a destacar a falsidade vazia do nazismo – uma encenação por trás da qual nada mais havia senão uma grande mentira. Os trabalhos foram suspensos, a SS não se encontrava mais por perto e os rapazes ficaram abandonados no campo.

Finalmente, no dia 20 de novembro, entregaram-lhes as malas com seus pertences, e todos foram dispensados. O trem que levava o estudante para a casa avançava lentamente, devido aos constantes alarmes aéreos. Por toda parte, ruínas e destruição testemunhavam a derrota do nazismo, agora manifestando-se em sua miserável crueza. Viena, que dois meses antes ainda não fora tocada pela guerra, revelava sinais evidentes de bombardeios. Pior ainda era a situação da amada Salzburgo, onde a estação e a catedral haviam sido atingidas. Joseph chegou em casa num lindo dia de outono, e a alegria do regresso o tornou, mais uma vez, muito ágil. O trem ainda não parara em Traunstein quando, sem pensar duas vezes, o garoto pulou da composição. O Papa relembra em suas memórias: «Era um dia de outono encantador. Havia um pouco de gelo nas árvores; as montanhas brilhavam sob o sol vespertino... Raramente senti a beleza da minha terra com tanta força»⁵⁰. O trabalho forçado era em geral sucedido pelo alistamento no exército. Joseph, contudo, não encontrou em casa a temível convocação, e por isso pôde permanecer com seus entes queridos por três semanas, durante as quais se recuperou no corpo e no espírito.

O conflito, no entanto, ainda não havia terminado, e antes do Natal chegou a tão temida carta que o intimava a apresentar-se em Munique para o alistamento. Na capital bávara, ele teve a sorte de ver-se diante de um oficial de bom coração, um antinazista que não acreditava mais na «vitória final». Dirigindo-se ao jovem recruta, perguntou-lhe: «O que fazemos agora com você? Onde você mora?». Joseph foi rápido em responder: «Em Traunstein. Lá nós temos uma caserna». «Esse será o seu destino, mas não comece imediatamente: tire alguns dias de folga»⁵¹. A obediência foi-lhe agradável dessa vez. Em meados de dezembro, Joseph bateu na porta do quartel do povoado. A atmosfera era diferente, mais humana. A incerteza, no entanto, tornava tudo precário, e

no Natal pairava no alojamento uma atmosfera de grande tristeza. Com efeito, a tropa era composta ou de rapazes muito jovens, ou de homens na casa dos quarenta anos – homens casados e pais de família, que sentiam uma grande saudade de casa, de onde lhes vinham poucas e escassas notícias. Esse sofrimento tocou a fundo a alma do futuro pontífice.

Em janeiro, Joseph foi transferido para vários quartéis nas cidades vizinhas. Em fevereiro, foi mandado para casa por motivos de doença. Nos meses seguintes, começaram os treinamentos. Estranhamente, os jovens não foram enviados para o fronte, que se encontrava cada vez mais próxima; antes, receberam uniformes novos, com os quais tiveram de desfilarem pela cidade, talvez para convencer a população de que Hitler ainda tinha forças jovens prontas para lutar.

Enquanto isso, os meses se passavam. Em 16 de abril, Joseph completou 18 anos, e a perspectiva de ser chamado para o fronte tornava-se cada vez mais palpável. A certa altura, no final daquele mês ou nos primeiros dias de maio, ele decidiu: deixaria o quartel e voltaria para casa. Tratava-se de um gesto muito perigoso, dado que os soldados tinham ordens de atirar à queima-roupa nos desertores ou enforcá-los. E, de fato, na saída de um túnel, Joseph encontrou-se com dois soldados de guarda. Eles, contudo, também estavam cansados da guerra. Um deles chamou-o, viu que ele tinha uma tala no braço em virtude de uma ferida e lhe disse: «Você está ferido, vá em frente». Mesmo em casa, no entanto, o perigo não havia passado. Alguns dias depois, dois nazistas instalaram-se na casa do policial e, vendo Joseph, começaram a fazer-lhe perguntas embaraçosas. O pai não conseguiu conter a raiva e manifestou todo o seu rancor pela ruína em que o país se encontrava graças à liderança dos nazistas. Passou-se uma noite na qual o destino de Joseph parecia marcado, mas no dia seguinte os dois foram embora sem dar maiores explicações.

Por fim, os americanos entraram em Traunstein e escolheram precisamente a casa dos Ratzinger como quartel-general. Descobriram, assim, que Joseph era ex-militar. Então, obrigaram-no a vestir seu uniforme, declararam-no prisioneiro de guerra e forçaram-no a aquartelar-se junto com uma centena de outros prisioneiros no jardim em frente à sua casa. Aquele espetáculo causou grande sofrimento, de modo especial para a sua mãe, que se via forçada a olhar para o filho indefeso, vigiado por soldados americanos armados até os dentes. Depois o grupo recebeu ordens para pôr-se em marcha, e de tempos e tempos a coluna engrossava, graças à chegada de novos grupos de prisioneiros.

Depois de três dias de marcha ininterrupta pela estrada vazia, a fila, cujo fim já não se podia ver, acampou em Bad Aibling, onde os prisioneiros passaram vários dias ao ar livre no campo do aeroporto militar. Dali foram transferidos para Ulm, onde, em extensas terras agrícolas, foram recolhidos cerca de cinquenta mil sobreviventes do exército alemão provenientes de toda a Baviera. Não era fácil administrar um número tão grande de pessoas. A comida escasseava, bem como as notícias vindas de fora. No entanto, rapidamente, gestos de caridade e iniciativas para passar o tempo se multiplicaram. Joseph tinha consigo um caderno no qual rabiscava pensamentos e poemas; também participava da Missa celebrada por alguns padres e de debates religiosos.

A esse respeito, não se pode deixar de mencionar a verdadeira paixão do jovem Joseph pelo conhecimento. Não obstante as várias saídas do seminário, as dificuldades para obter livros e a convocação como ajudante na defesa aérea, em 1944 ele recebeu seu *Semestervermerk*, certificado de que completara os anos gina-siais. No ano seguinte, no período da Páscoa, obteve o diploma secundário. No seu caso, entretanto, não foi o que se chama de um «diploma de guerra». Como já se observou, ele lera apaixon-

nadamente não apenas os clássicos latinos, gregos e os da tradição alemã, mas também autores contemporâneos, tanto no campo da literatura como no do pensamento. Uma confirmação indireta vem do testemunho do teólogo Alfred Läßle.

Ao falar de seu primeiro encontro com Joseph Ratzinger, no final de 1945, Läßle diz ter notado imediatamente seu grande interesse pela filosofia e pela fé e recorda ter questionado como poderia satisfazer tamanho desejo de conhecimento⁵². Naquele momento, contudo, o jovem Ratzinger ainda era prisioneiro, e o futuro parecia muito incerto. No horizonte, no entanto, vislumbrava-se a forma esguia do campanário da igreja principal de Ulm, que, apesar dos bombardeios, resistira e convidava à esperança. Nas angústias do presente, erguia-se no céu como sinal de continuidade e de um retorno, não tão distante, à vida.

Em junho, começaram a ser libertados os primeiros prisioneiros, camponeses que precisavam cultivar os campos para restituir alimentos ao país faminto. No dia 19 daquele mês, Joseph também recebeu o precioso cartão de dispensa que colocava fim à experiência da guerra e à vida militar. Dois caminhões americanos transportaram o grupo de prisioneiros libertos até o norte de Munique. De lá, teriam de arranjar-se sozinhos. Ao lado de um companheiro que nascera em Traunstein, Joseph estava prestes a fazer a viagem de regresso a pé, calculando os dias necessários para cobrir a distância, quando, alguns quilômetros depois, um caminhão carregando leite parou. O motorista, compadecido com o desastre da guerra, informou-se da meta dos dois jovens; coincidentemente, também ele se dirigia a Traunstein. Desse modo, Joseph chegou em casa ainda antes do pôr do sol daquele mesmo dia, enquanto a mãe e a irmã estavam na igreja por ocasião da sexta-feira do Sagrado Coração. Quando seu pai o viu, ficou fora de si de tanta alegria. Os dias seguintes trans-

correram na serenidade, no descanso e no relato recíproco dos acontecimentos passados. Permanecia ainda a ansiedade com relação a Georg, de quem ninguém ouvira mais falar.

No livro *O sal da terra*, Peter Seewald quis saber do então Cardeal Ratzinger o que a Providência significava para ele. O futuro Papa respondeu: «Estou convencido de que Deus nos vê e nos deixa livres, mas que também nos guia. [...] Para mim isso significa, muito concretamente, que minha vida não é feita de acontecimentos aleatórios, mas que alguém vê mais adiante e, por assim dizer, age antes mesmo de mim e dirige minha vida»⁵³. É essa, também, a interpretação que ele dá à sua infância e à sua participação na guerra.